

Ferramentas participativas no trabalho com cultivos, variedades e sementes

Um guia para profissionais que trabalham com abordagens participativas no manejo da agrobiodiversidade, no melhoramento de cultivos e no desenvolvimento do setor de sementes

Wageningen International da Universidade e Centro de Pesquisa de Wageningen (Wageningen UR) tem como objetivo desenhar e implementar programas de capacitação para o desenvolvimento de indivíduos, organizações e instituições de maneira integrada. Caixa Postal 88, 6700 AA, Wageningen, Países Baixos; www.wi.wur.nl.



O Programa Biodiversidade Brasil-Itália (PBBI) é uma iniciativa de cooperação bilateral voltada para a conservação e valorização dos recursos fitogenéticos das espécies de interesse agro-alimentar e industrial para o Brasil. O Programa é operacionalizado através da ação conjunta do Instituto Agronomico per l'Oltremare (IAO), pelo lado italiano e do IBAMA e a EMBRAPA, pelo lado brasileiro. Secretaria Executiva PBBI, EMBRAPA Recursos Genéticos e Biotecnologia, Caixa Postal 02372, 70770-900, Brasília-DF, Brasil; www.pbbi.org.br.

É permitida a reprodução parcial do presente material mediante citação da fonte.

ISBN: 9789070785178

© Wageningen International, 2007.

Tradução: Maria José Guazzelli e Juliana Vitória Bittencourt;

Desenhos: Hatsi Corrêa Galvão do Rio Apa;

Impresso: Gráfica Darwin, Florianópolis-SC, Brasil.

Referência bibliográfica:

De Boef, W.S. e M.H. Thijssen, 2007. Ferramentas participativas no trabalho com cultivos, variedades e sementes. Um guia para profissionais que trabalham com abordagens participativas no manejo da agrobiodiversidade, no melhoramento de cultivos e no desenvolvimento do setor de sementes. Wageningen, Wageningen International, 87 pp.

Ferramentas participativas no trabalho com cultivos, variedades e sementes

Um guia para profissionais que trabalham com abordagens participativas no manejo da agrobiodiversidade, no melhoramento de cultivos e no desenvolvimento do setor de sementes

Walter Simon de Boef e Marja Helen Thijssen

Publicado em cooperação com:

- Núcleo de Estudos em Agrobiodiversidade (NEABio), Centro de Ciências Agrárias (CCA), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, Brasil;
- Instituto de Agrobiodiversidade e Desenvolvimento Socioambiental, Porerekan, Guaraciaba-SC, Brasil;
- Programa de Biodiversidade Brasil – Itália, Brasília-DF, Brasil;
- Centro de Pesquisa do Cacau, Itabuna-BA, Brasil;
- Local Initiatives for Biodiversity, Research and Development (LI-BIRD), Pokhara, Nepal;
- Cocoa Research Institute of Ghana, New Tafo, Gana;
- Assam Agricultural University, Jorhat, Assam, Índia;
- Ethiopian Seed Enterprise, Addis Ababa, Etiópia;
- Biodiversity International, Roma, Itália;
- International Centre for Agriculture Research in Dry Areas, Aleppo, República Árabe da Síria.

Apoio financeiro:

Programas de treinamento específicos executados por Wageningen International e financiados pelo Programa de Financiamento de Educação Superior dos Países Baixos (NFP), da Organização para Cooperação Internacional em Educação Superior dos Países Baixos (NUFFIC), P.O.Box 29777, 2502 LT Den Haag, Países Baixos; www.nuffic.nl/nfp.

- Estratégias integradas e participativas para o manejo e o uso da agrobiodiversidade no Estado de Santa Catarina, Brasil (NFP/BRA/619);
- Utilização de abordagens participativas no melhoramento do cacau na América do Sul (NFP/BRA/05/40);
- Utilização de abordagens participativas no melhoramento do cacau na África (NFP/GHA/05/41);
- Melhoramento da produção com base nas sementes dos agricultores e revitalização do suprimento informal de sementes dos cultivos e variedades locais na Etiópia (NFP/ETH/05/32);
- Abordagens participativas na conservação de agrobiodiversidade no Estado de Assam, Índia (NFP/IND/06/52).

Apoio financeiro adicional:

O Programa de Biodiversidade Brasil–Itália (PBBI) tem como objetivo geral contribuir para aliviar a pobreza e melhorar as condições de vida e a alimentação das comunidades locais, tradicionais e indígenas, beneficiando os detentores da biodiversidade agrícola e silvestre. Um curso de metodologias participativas foi organizado para pesquisadores e técnicos da IBAMA e EMBRAPA, e para parceiros de sociedade civil. A tradução deste livro-guia, do inglês para o português, foi parcialmente financiada como componente desta atividade de capacitação do PBBI.

Índice

Índice	5
Agradecimentos	6
Sumário	8
Introdução: abordagens orientadas à participação e à aprendizagem	10
1. Diálogo semi-estruturado.....	22
2. Diálogo com informantes chave	24
3. Discussão de grupo foco.....	25
4. Jogo dos feijões.....	28
5. Ilustração rica	30
6. Diagrama de Venn.....	32
7. Identificação de atores sociais e gráfico de fluxo.....	34
8. Matriz para estratificação social dos membros da comunidade	36
9. Linha de tempo	38
10. Gráfico histórico da comunidade	40
11. Mapa histórico do uso de agrobiodiversidade.....	42
12. Mapa ilustrando os recursos naturais e o uso da terra	44
13. Mapa da unidade de produção mostrando aspectos de gênero.....	46
14. Caminhada da comunidade e corte transversal de recursos naturais.....	48
15. Mapa demonstrando o acesso a recursos naturais.....	52
16. Calendário de cultivos enfocando gênero	54
17. Lista de agrobiodiversidade (cultivos e variedades).....	56
18. Mapa ilustrando a distribuição de cultivos e de variedades.....	58
19. “Tempestade de idéias” para caracterizar variedades.....	60
20. Classificação simples	61
21. Matriz de classificação.....	62
22. Classificação par a par.....	64
23. Análise de rede social de sementes.....	66
24. Identificando as opções de desenvolvimento do setor de sementes.....	68
25. Análise participativa quatro - células.....	70
26. Análise de árvore problema e árvore objetivo.....	72
27. Análise FOFA	76
28. Priorizando estratégias de enfrentamento	78
29. Análise social CLIP	80
30. Construção conjunta de uma visão.....	84
Bibliografia.....	86

Agradecimentos

Este guia foi desenvolvido baseado na experiência de muitos que trabalham com ferramentas participativas no manejo da agrobiodiversidade local, no melhoramento participativo de plantas de cultivo e na manutenção do suprimento local de semente. Somos imensamente gratos às contribuições de:

- Frans Geilfus, cujo excelente guia ‘80 Herramientas para el Desarrollo Participativo: diagnóstico, planificación, monitoreo, evaluación’ (1997), foi utilizado como uma inspiração e base para este livro-guia;
- Todos os colegas da Wageningen International, facilitadores e participantes dos programas de treinamento sobre manejo de agrobiodiversidade e abordagens participativas no melhoramento de plantas e na produção de sementes;
- Agricultores, técnicos, extensionistas, professores, estudantes e outros envolvidos no programa de treinamento no estado de Santa Catarina, Brasil, intitulado ‘Estratégias integradas e participativas para o manejo e uso da agrobiodiversidade’;
- Agricultores, extensionistas, melhoristas de plantas e outros especialistas em cacau, envolvidos nos projetos de melhoramento participativo de cacau na América Latina e África;
- Agricultores e todos os especialistas do setor de sementes envolvidos no projeto de apoio ao suprimento informal de sementes, na Etiópia;
- Agricultores, extensionistas, professores do projeto de ‘Abordagens participativas na conservação de agrobiodiversidade em Assam, Índia’;
- Os participantes dos cursos sobre metodologias participativas organizado pelo Programa de Biodiversidade Brasil-Itália;
- Os participantes dos cursos sobre pesquisa participativa organizados pelo EPAGRI (Santa Catarina) no contexto de Programa Microbacia II;
- Bhuwon Sthapit, da Bioversity International, ao pessoal do LI-BIRD e NARC no Nepal, por compartilharem suas experiências de aplicação de ferramentas participativas no contexto de conservação de recursos genéticos e de manejo local em campo;
- Nossos colegas da Wageningen International, por compartilharem suas experiências com ferramentas participativas e de treinamento;
- Hatsi Corrêa Galvão do Rio Apa, pelos desenhos esclarecedores que acompanham todas as descrições de ferramentas;
- Maria José Guazzelli e Juliana Vitória Bittencourt, pelos serviços de tradução;

- Cecile Kusters e Karèn Verhoosel, por cooperarem na redação do capítulo introdutório e por sua revisão crítica do guia, e à Karen, por seu apoio na coordenação do projeto dos guias;
- Programa de Biodiversidade Brasil-Itália, por financiar a tradução ao português deste livro-guia;
- Nuffic, por patrocinar os participantes nos cursos da Wageningen International e os programas específicos de treinamento sobre abordagens participativas no manejo da agrobiodiversidade, melhoramento de cultivos e suprimento de sementes, os quais tornaram possível o desenvolvimento deste guia.

Walter Simon de Boef e Marja Helen Thijssen

Sumário

Nos nossos programas de treinamento sobre manejo local da agrobiodiversidade, melhoramento participativo de cultivos e apoio às fontes locais de semente, as ferramentas participativas ganham uma ampla atenção. Ferramentas são trabalhadas na teoria, são praticadas em situações em sala de aula, mas também são aplicadas em estudos a campo. Os objetivos da prática de ferramentas participativas no treinamento em manejo da agrobiodiversidade local relacionados aos objetivos deste guia são muitos. Entretanto, o presente livro-guia tem como objetivo-chave prover aos profissionais que trabalham no manejo de recursos genéticos, no melhoramento de cultivos e no contexto do desenvolvimento do setor de sementes, um conjunto diversificado de ferramentas desenvolvidas para o aprendizado e ação participativos que sejam adaptadas aos seus contextos específicos. Além desse objetivo principal, procuramos intensificar a criatividade e a flexibilidade desses profissionais no trabalho com grupos orientados de aprendizado e ação participativos, no diagnóstico, no planejamento e implementação de pesquisas, e no monitoramento e avaliação de projetos de agrobiodiversidade, de melhoramento de plantas e de sementes.

Utilizamos o livro estruturado por Frans Geilfus¹, o qual abrange 80 ferramentas para o desenvolvimento participativo, como uma importante base para esse guia de ferramentas. Uma seleção de ferramentas de Geilfus e de outros foram adaptadas em uma série de instrumentos participativos que podem dar apoio ao manejo da agrobiodiversidade, ao melhoramento de cultivos e ao desenvolvimento do setor de sementes. A estrutura deriva, basicamente, desse livro. Os exemplos e a seleção das ferramentas foram inspirados em experiências reais durante os cursos sobre melhoramento participativo de cultivos, sobre o desenvolvimento do setor de sementes, e manejo local da agrobiodiversidade, como organizado pela Wageningen International nos últimos 10 anos. Algumas outras ferramentas derivaram de outras fontes. As ferramentas foram testadas em projetos locais, por exemplo, no Brasil, Colômbia, Peru, Equador, Gana, Nigéria, Etiópia, Nepal, Índia e Irã.

O guia foi desenhado de tal forma que é fácil de ser usado como uma referência no campo. A sequência das ferramentas é similar àquela frequentemente usada em análises participativas: inicia com ferramentas gerais, apresenta depois ferramentas mais detalhadas em tópicos específicos e culmina com ferramentas mais analíticas, que podem ser aplicadas às comunidades, mas que também podem auxiliar a equipe facilitadora na análise (depois do diagnóstico) das informações colhidas. Entretanto, quais ferramentas aplicar, que tipo (mapa, matriz ou qualquer outro), com quem, em que sequência,

depende muito do contexto e do objetivo do exercício. Por favor, não considerem este como um livro de receitas, mas sim como um conjunto de ferramentas que você pode utilizar. Consideramos o guia como uma inspiração para encorajar você a adaptar, compor e, desse modo, projetar suas próprias ferramentas.

Introdução: abordagens orientadas à participação e à aprendizagem

Walter Simon de Boef, Marja Helen Thijssen, Cecile Kusters e Karèn Simone Verhoosel*

Na área de manejo de agrobiodiversidade, de melhoramento de cultivos e no setor de desenvolvimento de sementes existem desafios que não podem ser enfrentados através de tipos mais formais de pesquisa, nos quais os profissionais desenvolvem a agenda e são os responsáveis primários pela implementação da pesquisa. Quando se tratam de problemas complexos que não podem ser enfrentados apenas com a pesquisa formal, e para os quais diferentes atores sociais (por exemplo, governo, ONGs, setor comercial, sociedade civil) têm que contribuir para encontrar soluções, abordagens mais orientadas à participação e à aprendizagem devem ser aplicadas. Esse é o foco do presente livro, estratégias orientadas à participação e à aprendizagem no apoio do manejo da agrobiodiversidade, do melhoramento de cultivos e do desenvolvimento do setor de sementes. Isso implica numa abordagem mais ampla e participativa no desenho e implementação da estratégia de pesquisa. Estimular a participação dos atores sociais mais importantes nos diferentes estágios da pesquisa resultará num impacto mais relevante, mais efetivo e mais sustentável aos desafios que serão tratados. A participação deve ocorrer desde o início, na definição dos problemas durante o diagnóstico, na implementação e através de monitoramento e avaliação contínuos dos processos participativos. Esse último aspecto é a chave para facilitar o aprendizado da comunidade e dos atores sociais.

Este capítulo introdutório apresenta, resumidamente, uma base sobre abordagens orientadas à participação e à aprendizagem no diagnóstico e pesquisa, bem como um embasamento para a implementação de projetos na área de manejo da agrobiodiversidade, de melhoramento de cultivos e de desenvolvimento do setor de sementes. Este livro-guia continua com uma descrição prática de ferramentas que podem ser aplicadas nas diferentes fases de projetos participativos. Neste capítulo introdutório, apresentamos um marco no qual as ferramentas podem ser aplicadas. Através dessa contextualização, queremos enfatizar que "participação não se trata somente de aplicar ferramentas participativas, mas está associada a uma mudança na atitude que é verdadeiramente participativa". Uma visão de que tipo de

* Cecile Kusters e Karèn Verhoosel são consultoras – instrutoras trabalhando com o Wageningen International, Países Baixos.

mudança se quer alcançar através do processo participativo tem importância central. Com isso, processos participativos não redundarão somente em soluções técnicas; o fator de aprendizado social – capacidades dos agricultores, das comunidades e/ou dos atores sociais em resolver problemas comuns – torna-se o resultado principal. Sem esse foco no aprendizado social, a aplicação de ferramentas participativas pode ter efeitos adversos, difíceis de serem ajustados.

Nesse capítulo, discutimos o que entendemos por participação, baseados em nossas próprias experiências como instrutores e facilitadores, complementado com o que inovadores ou ‘gurus’ nesse campo de conhecimento compartilharam e publicaram. Esses inovadores nos inspiraram, e a muitos outros, na criação de ambientes participativos de aprendizado e de ação que facilitarão uma abordagem de impacto orientado ao empoderamento e ao desenvolvimento. Elaboramos alguns conceitos sobre participação e delimitamos alguns princípios de participação. Também apresentamos algumas diretrizes de como os processos participativos de aprendizado e de mudança podem ser facilitados.

Participação – embasamento

Participação diz respeito a empoderamento². No final dos anos 1970 e 1980, organizações de desenvolvimento começaram a se dar conta dos problemas de não adoção ou de impacto limitado causados pelas abordagens de desenvolvimento de cima para baixo e linear. Desde o início dos anos 1990, as agências de desenvolvimento doadoras colocaram seu peso na promoção do desenvolvimento participativo. ‘Participação inclui o envolvimento da população nos processos de tomada de decisão, na implementação de programas, seu compartilhamento nos benefícios dos programas de desenvolvimento e seu envolvimento nos esforços de avaliação de tais programas’³.

A participação pode servir a dois amplos propósitos. Primeiro, a participação pode ser considerada um instrumento, isto é, um processo pelo qual iniciativas de desenvolvimento podem ser mais eficazmente implementadas. Os métodos e ferramentas participativos podem ser utilizados para incorporar as idéias das pessoas nos planos de desenvolvimento e atividades de desenvolvimento ou de pesquisa. Segundo, a participação pode ser considerada um objetivo, isto é, empoderar as pessoas auxiliando-a a adquirir habilidades, conhecimento e experiência para assumir maior responsabilidade (ter o domínio) no seu desenvolvimento.

Existem muitas discussões que apóiam o uso de abordagens orientadas à participação e à aprendizagem, enquanto outras destacam suas debilidades⁴. As a favor chamam a atenção para resultados como o empoderamento dos desfavorecidos. Quando se aceita o conhecimento local

para enfrentar problemas locais os processos de intervenções de desenvolvimento e de pesquisa podem se tornar mais efetivos. As comunidades e os atores sociais tornam-se o foco nos processos de desenvolvimento e de pesquisa; tal foco no investimento em capacidades locais, no manejo de recursos, freqüentemente incluirá a distribuição ou delegação de responsabilidades. Isso pode aumentar o domínio do grupo alvo sobre os processos de pesquisa e desenvolvimento, contribuindo para a sustentabilidade das atividades e resultando em impacto maior. Enfatizar ações estratificadas, portanto visando grupos específicos, pode melhorar o status dos grupos desfavorecidos, como populações indígenas, mulheres e idosos.

As debilidades freqüentemente mencionadas nos processos participativos de pesquisa e desenvolvimento incluem o fato de que esses processos tomam muito tempo, tanto dos profissionais como da população rural, e exigem grandes investimentos em recursos financeiros. Em situações de pobreza, a participação pode ser vista como um luxo e só aparece após os meios de vida da população pobre estarem assegurados. Processos participativos, se não adequadamente embasados, podem desestabilizar relações sociopolíticas e culturais existentes dentro das comunidades ou entre os atores sociais. São percebidos como orientados por “entusiasmo ideológico” e menos preocupados em assegurar benefícios diretos aos pobres. Por último, alguns consideram que eles deslocam a responsabilidade de orientar o processo de desenvolvimento para os pobres ou desvantajados e para governos locais. Em se refletindo sobre esses prós e contras, é fundamental colocar os processos participativos dentro de um contexto sócio econômico e político mais amplo. Da mesma forma, perspectivas sócio políticas distintas certamente irão resultar em diferentes análises dos objetivos e dos resultados dos processos participativos.

Quando se analisa a divisão de papéis e de responsabilidades entre a população rural e os profissionais é possível distinguir distintos graus de participação nos processos participativos de pesquisa e desenvolvimento. Tal análise fornece uma perspectiva mais ampla, e também faz refletir sobre as relações de poder na tomada de decisões, por exemplo, no direcionamento dos processos de desenvolvimento e pesquisa, na sua implementação, e também na alocação dos recursos disponíveis (humanos, físicos, biológicos e/ou financeiros). O quadro 1 apresenta sete tipos de participação.

Participação – composição com multi atores sociais

Quando se assume a participação em atividades de pesquisa, a população local não deve ser considerada como os únicos beneficiários; outros atores que podem ter um papel significativo na implementação de idéias da pesquisa, também devem ser considerados beneficiários. Esses atores sociais podem

Quadro 1. Tipologia de participação⁵

Participação passiva

As pessoas participam ouvindo o que vai acontecer ou o que já aconteceu. As reações das pessoas não são levadas em consideração. A informação que está sendo compartilhada pertence apenas aos profissionais externos.

Participação resultando na transferência de informações

As pessoas participam respondendo questões formuladas por pesquisadores e conservacionistas extratores que utilizam questionários de levantamento de informações ou abordagens similares para, por exemplo, identificar critérios de seleção no melhoramento de plantas. As pessoas não têm a oportunidade de influenciar as ações, já que os resultados e o desenho do projeto não são nem compartilhados e nem checados para averiguar a exatidão.

Participação por consulta

As pessoas participam sendo consultadas, e agentes externos ouvem seus pontos de vista, por exemplo, para identificar objetivos de melhoramento e recomendação de variedades. Os agentes externos definem tanto os problemas quanto as soluções, e podem modificá-los à luz das respostas das pessoas. Tal processo consultivo não concede nenhum compartilhamento na tomada de decisão, e os profissionais não têm obrigação de levar em conta os pontos de vista das pessoas.

Participação por incentivos materiais

As pessoas participam fornecendo recursos, por exemplo, mão-de-obra ou terra, em troca de alimento, de dinheiro e de outros incentivos materiais (sementes, fertilizantes). Muitos dos testes, da conservação de variedades ou de acessos em campo, caem nessa categoria, já que os agricultores fornecem os recursos, mas não estão envolvidos na experimentação.

Participação funcional

As pessoas participam formando grupos para alcançarem objetivos predeterminados relacionados ao projeto, os quais podem significar o desenvolvimento ou a promoção de organizações iniciadas externamente. Tal envolvimento não é observado nos estágios iniciais dos ciclos ou planejamento do projeto, mas geralmente depois das principais decisões terem sido tomadas. Essas instituições tendem a se apoiar em iniciadores e facilitadores externos, mas podem se tornar auto-dependentes.

Participação interativa

As pessoas participam em análises conjuntas, o que leva os planos de ação, à formação de novos grupos locais, ou ao fortalecimento dos já existentes. Os pesquisadores usam metodologias interdisciplinares que visam perspectivas múltiplas e se utilizam de processos sistemáticos e de aprendizado. Esses grupos de aprendizado controlam as decisões locais e, assim, as pessoas têm interesse na manutenção e posterior evolução das estruturas e práticas criadas em conjunto.

Auto-mobilização

As pessoas participam tomando iniciativas independentemente de instituições externas para mudar sistemas. Tal mobilização auto-iniciada e ação coletiva podem ou não desafiar a distribuição desigual de riqueza e de poder.

incluir os serviços de extensão, as ONGs, o setor comercial e, até mesmo, os fazedores de políticas. É importante considerar quais dos atores sociais envolver durante os passos consecutivos do processo participativo: (i) determinação da agenda da pesquisa; (ii) realização do diagnóstico e da pesquisa; (iii) decisão com base nas opções da pesquisa e desenvolvimento; (iv) implementação e aprendizagem ao aplicar essas opções; (v) monitoramento e avaliação continuada do impacto dessas opções e do processo de desenvolvimento no contexto inicial e nos modos de vida da população.

Para aumentar o impacto, é necessário entender qual ator social envolver em que ponto da cadeia de eventos que constitui o processo participativo. Em tais composições de multi atores sociais, o processo vai além da participação das pessoas (por exemplo, agricultores) em nível local, emergindo um processo de multi atores sociais (PMAS). O desenho dos PMAS necessita ser bem estruturado e facilitado. Perguntas orientadoras passam a ser: “quem desempenha qual papel e por que? Qual é o objetivo comum e quais os ganhos individuais que podem ser alcançados no processo?” Uma ferramenta prática que apóia o PMAS é a análise dos atores. Ela contribui para responder questões tais como: “Quais são as características dos atores? Que tipos de problemas eles enfrentam em, por exemplo, assistência técnica? O que eles podem oferecer ao projeto? O que eles querem ganhar com o projeto? E como são as relações entre os atores?” Ter percepção das possíveis contribuições e compromissos dos atores em relação ao processo participativo cria a transparência necessária para a concepção de um projeto. Um processo envolvendo uma diversidade de atores requer uma facilitação que lide com relações e estruturas de poder complexas. Propiciar um ambiente no qual os atores podem e querem reunir forças para criar um ambiente de aprendizagem compartilhada é chave na facilitação. O papel de um facilitador é crucial em assumir e ser aceito em uma posição de liderança dentro do processo de multi atores sociais. Essencial para o facilitador é ter conhecimento e habilidades a respeito de aprendizagem, participação, PMASs, administração de conflitos, trabalho em equipe, etc.⁶

Aprendizagem e ação participativas

São muitos os métodos participativos existentes; eles foram desenvolvidos em contextos distintos e para uma diversidade de propósitos. A Avaliação Rural Rápida (ARR) e a Avaliação Rural Participativa (ARP) foram a primeira geração usada. Desde os anos 1990, as metodologias participativas expandiram-se e se difundiram. O foco mudou de ‘avaliação e análise’ para ‘planejamento, ação e monitoramento e avaliação’. De forma crescente, começaram a ser aplicadas em ambiente urbano, em adição ao enfoque rural original. O enfoque mudou de aplicações a campo, avaliando aspectos técnicos

e de manejo, para aplicações em organizações, tratando também de aspectos institucionais. Sua aplicação mudou de poucos setores no domínio rural e da agricultura para muitos outros, tais como manejo da natureza, cuidados com saúde e educação. Os tópicos tratados mudaram de problemas tecnológicos ‘seguros’ para temas sócio-ambientais e ‘políticos’ sensíveis, difíceis e perigosos. Os primeiros a utilizarem foram as ONGs; agora são empregados dentro de departamentos governamentais, agências doadoras internacionais e na pesquisa acadêmica desenvolvida por instituições de pesquisa e universidades. Essa mudança também contribuiu para a formação de um corpo crítico da teoria enquanto sua origem era fundamentada na prática. De sua região de origem no sul da Ásia, métodos participativos disseminaram-se no Sul e são cada vez mais usados no Norte. De métodos eles se tornaram processos facilitadores de desenvolvimento profissional, institucional e de políticas. Em seu reflexo profissional, a atenção mudou de enfatizar comportamentos e atitudes para enfatizar mudanças pessoais e relações. As mudanças descritas, graduais e de aprendizagem na sua aplicação e teoria, e sobretudo a compreensão de que uma boa prática empodera, o que não pode ser conseguido apenas pela avaliação, mas sim por ações participativas, tornou urgente a reformulação do nome comum referente ao método. O termo Aprendizagem e Ação Participativas (AAP) é agora amplamente usado, e nós vamos usá-lo ainda mais, avançando nesse capítulo e em todo o livro-guia. Como termo, ele é freqüentemente usado alternadamente com outros métodos, que incluem a ARP. A AAP significa ‘uma crescente família de abordagens, métodos, atitudes, comportamentos e relações que visam capacitar e empoderar pessoas para compartilhar, analisar e intensificar seu conhecimento da vida e das condições, e para planejar, agir, monitorar, avaliar e refletir’². Uma boa AAP significa empoderamento.

Princípios de participação

Distinguimos determinados princípios que sustentam métodos e processos participativos. O primeiro é autoconsciência e responsabilidade críticas, isto é, julgamento e responsabilidade individuais exercidos pelos facilitadores. Ou seja, os facilitadores estando conscientes sobre atitudes, comportamentos e relações, englobando e aprendendo com erros e dúvidas, continuamente buscando fazer melhor, construindo suas próprias capacidades em aprender e melhorando os métodos aplicados em cada experiência, e assumindo responsabilidade pessoal. Fundamental para esse princípio é mudar o comportamento e a atitude de dominador para facilitador, ganhar confiança, solicitar às pessoas, freqüentemente desvantajadas, para nos ensinar, respeitando-os, tendo confiança de que eles conseguem fazer, passando o bastão, empoderando e dando condições para que eles conduzam suas próprias análises. O segundo princípio é estabelecido em torno de equidade e

empoderamento, isto é, um compromisso com a equidade, empoderando os que são marginalizados, excluídos e privados, freqüentemente mulheres e crianças, ou os que são mais pobres. O terceiro princípio reconhece e celebra a diversidade, derrubando tendências (espacial, projeto, pessoas – gênero, elite etc., sazonal, profissional, deferências) e facilitando a cultura de compartilhar informações, métodos, experiências de campo e aprendizado entre ONGs, governos e pessoas locais. O quarto e último princípio está relacionado à facilitação e aumento das capacidades de aprendizado em conjunto ou sociais. Os métodos necessitam ser flexíveis, exploratórios, interativos e inventivos facilitando, portanto, uma aprendizagem progressiva rápida. Eles necessitam incluir inversão de sentido, isto é, aprender de, com e pela população local, trazendo à tona e utilizando seus critérios e categorias. Precisam inserir triangulação apropriada através do uso de métodos, fontes e disciplinas dissimilares, e de uma gama de informantes em uma diversidade de lugares, e fazendo checagem cruzada para se chegar mais perto da verdade através de aproximações sucessivas. Entretanto, buscando sempre pela ignorância ótima e pela imprecisão apropriada. Isso significa não descobrir mais do que o necessário, não medir mais acuradamente do que o necessário, e não tentar medir o que não precisa ser medido. Somos treinados para medir coisas, mas, freqüentemente, tendências, marcas ou classificação é tudo o que se precisa. Técnicas de visualização são usadas para facilitar, através de dinâmicas de grupo, a comunicação entre profissionais e participantes rurais e, também, para estimular o diálogo entre todos. Isso inclui vários formatos como tabelas ou matrizes, mapas, quadros de fluxo e diagramas. O facilitador orienta os participantes em um encontro através de uma série de etapas metodológicas. Uma dinâmica de grupo dá resultados de melhor qualidade do que quando os resultados são obtidos através de entrevistas individuais⁷.

Uma mescla desses componentes metodológicos de aprendizagem define um processo sistemático de aprendizado no qual a aprendizagem social e conjunta - o quarto princípio - pelos atores sociais, através de um sistema de análise conjunta e interações são centrais. É importante refletir sobre as várias interpretações da realidade e soluções para os problemas apoiando o aparecimento de múltiplas perspectivas. Isso contribui para os processos de aprendizagem de grupo nos quais análises e interações de grupo são estratégias para lidar com a complexidade. Métodos e abordagens devem ser, o mais possível, desenhados ou adaptados à situação local, preferencialmente pelos atores envolvidos, aumentando seu domínio. O processo de análise conjunta e o diálogo auxiliam a definir mudanças, as quais podem resultar em melhoramento, e busca motivar as pessoas a agirem para implementar as mudanças definidas que, inevitavelmente, conduzirão a mudança e melhoria da situação.

Os princípios apóiam e orientam quando se trabalha com uma familiar agricultora, com famílias numa comunidade, e outros atores sociais em um processo participativo de aprendizagem e ação. Em processos que envolvem mais participantes, o que na realidade é sempre o caso, é importante considerar esses princípios devido à diversidade dos participantes envolvidos. Isso também significa diversidade em pensar na importância da participação, o sentido da participação, e formas de alcançar empoderamento. Trabalhar com base nesses princípios, os quais necessitam investimento de tempo, vai aumentar o impacto do processo e de seus resultados.

Facilitando processos participativos de aprendizagem e de mudança

A facilitação é crítica na abordagem participativa. O papel do profissional é guiar o processo; em todas as questões, as decisões devem ser deixadas para o grupo envolvido. Frequentemente, isso é difícil, pois os profissionais, assim como os pesquisadores e trabalhadores em extensão são treinados para transferir tecnologia, dizendo aos agricultores como fazer as coisas, fazendo os agricultores escutar ao invés de falar. No diagnóstico e pesquisa participativos o fluxo da informação é invertido. É necessário se dar conta que isso não exige uma mudança de atitude somente do profissional. Os agricultores e a população rural também podem estar acostumados a escutar o que fazer e, portanto, podem relutar em mudar para outro modo de comunicação. Transparência e explicação dos objetivos do encontro auxiliará a ambos a entrarem em uma forma diferente de comunicação.

Especialistas facilitadores e atores sociais podem ter uma posição de ‘serem de fora’; são pesquisadores e/ou práticos que não são membros da comunidade ou do grupo com os quais eles interagem. Para as pessoas locais eles podem atuar como catalisadores para decidir o que fazer com a informação e a análise geradas. Os ‘de fora’ também podem optar por analisar mais a fundo as descobertas geradas pela aprendizagem e ação participativas ou pelos processos de multi atores, para influenciar processos de decisões políticas. Se a população local sentir que tal apoio é necessário, a organização facilitadora necessita comprometer-se em assistir e monitorar essas ações decididas pela população. Portanto, o papel do profissional mudou de ser um ‘especialista’ para ser um ‘facilitador’. As ‘qualidades de um facilitador’ necessitam ser tanto dinâmicas como também receptivas; a facilitação torna-se uma atividade de ponderação! Habilidade de ouvir é uma qualidade importante. A atitude do facilitador é crucial para o sucesso, e muito mais importante do que sua habilidade de aplicar ferramentas participativas. Em resumo, Robert Chambers, dá uma série de dicas práticas para facilitadores; elas são apresentadas no Quadro 2.

Quadro 2. Dicas para ser um facilitador bem sucedido⁸

- Ver, ouvir e aprender. Facilitar. Não dominar. Não interromper. Quando as pessoas estão mapeando, modelando ou diagramando, deixe-as fazer isso. Quando as pessoas estão pensando ou trocando idéias antes de responder, dê tempo a elas para pensar e discutir. (Isso parece fácil. Mas não é. Temos tendência de ser interruptores habituais. Não são precisamente aqueles mais espertos, importantes e articulados entre nós que também são os mais inabilitados, achando difícil manter nossas bocas fechadas?) Então Ouça, Aprenda, Facilite. Não Domine! Não Interrompa!
- Passe noites nas comunidades e favelas. Esteja por lá à tardinha, de noite e cedo pela manhã.
- Abraze os erros. Todos nós cometemos enganos e, algumas vezes, fazemos as coisas mal feitas. Não se preocupe. Não as esconda. Compartilhe o erro. Quando as coisas vão mal, é uma chance para aprender. Diga “Ah! Aquilo foi uma trapalhada. Bom. Agora, o que podemos aprender dela?”.
- Pergunte a si mesmo – quem está sendo encontrado e ouvido, e o que está sendo visto, e onde e por quê; e quem não está sendo encontrado e ouvido, e o que não está sendo visto, e onde e por quê?
- Relaxe. Não atropele. Deixe tempo livre para caminhar e perambular.
- Encontre as pessoas quando for bom para elas, e quando elas podem estar disponíveis, não quando for conveniente para nós. Isso se aplica ainda mais fortemente às mulheres do que aos homens. Métodos participativos freqüentemente tomam tempo, e as mulheres tendem a ter muitas obrigações que exigem sua atenção. Algumas vezes o melhor momento para elas é o pior para nós – um par de horas depois de escurecer, ou algumas vezes cedo pela manhã. Pergunte a elas! Freqüentemente são necessários acordos, mas é uma boa disciplina; tentar encontros nos melhores momentos deles, ao invés dos nossos, é bom para estabelecer uma conexão adequada; e não force discussões que se estendam demais. Pare antes que as pessoas estejam muito cansadas.
- Explore. Entreviste o mapa ou o diagrama.
- Pergunte a respeito do que você vê. Perceba, se aposse e investigue a diversidade, tudo o que é diferente, o inesperado.
- Utilize os seis auxiliares – quem, o que, onde, quando, por que e como?
- Faça perguntas abertas.
- Mostre interesse e entusiasmo em aprender com as pessoas.
- Deixe mais tempo do que o esperado para a interação da equipe (ainda nunca consegui isso direito) e para alterar a agenda.
- Desfrute! Freqüentemente é interessante, e freqüentemente é divertido.

Facilitando o aprendizado em processos participativos

Na AAP, a aprendizagem é considerada como *‘uma reflexão sobre a experiência, para identificar como uma situação, ou ações futuras, podem ser melhoradas e, então, utilizar o conhecimento para realmente fazer melhorias’*. Isso pode ser em base individual ou grupal, dentro de um projeto ou programa, em nível organizacional ou dentro de um contexto social mais amplo. O importante é assegurar que cada indivíduo compartilhe seus pensamentos e que os outros possam aprender com isso. Em conjunto, cria-se um quadro abrangente.

No início dos anos 70, David. A. Kolb⁹, com seu colega Ronald Fry, na Weatherhead School of Management desenvolveu o ‘Modelo de Aprendizagem Experiencial’ (The Experiential Learning Model)¹⁰. Esse modelo é composto de quatro elementos: (i) experiência concreta, (ii) observação e reflexão sobre essa experiência, (iii) formação de conceitos abstratos baseados na reflexão, e (iv) teste dos novos conceitos. O próximo passo nesse modelo é repetir os quatro elementos. Kolb e Fry indicaram que um aprendizado (mais aprofundado) passa por um ciclo de experiências concretas, de observação reflexiva, de conceitualização abstrata e de experimentação ativa (Figura 1). Aplicar lições aprendidas em ações futuras fornece a base para um novo ciclo de aprendizagem. Como quando se realiza uma pesquisa, primeiro se deve analisar e refletir sobre quais são os assuntos em jogo (observação reflexiva), por exemplo, o contexto e problemas encontrados na produção de sementes de determinado cultivo em uma comunidade específica. Uma vez que toda a informação relevante é coletada, se pode começar conceitualizando o que isso significa, por exemplo, como os métodos utilizados pelos agricultores para processar e estocar sementes deste cultivo particular pode ser melhorado sob essas condições específicas (conceitualização abstrata). Isso então pode ser testado (experimentação ativa) para ver se realmente funciona, por exemplo, vários experimentos para buscar soluções aos problemas encontrados no processamento e na estocagem de sementes. Enquanto se faz isso se pode descobrir informação nova, ou tentar novas formas de trabalho (experiência concreta), que conduza a resultados melhores, por exemplo, se o processamento e estocagem necessitam ser diferenciado para sementes de variedades locais ou modernas do cultivo. Sobre isso precisa ser feita reflexão, conceitualização, etc. Basicamente, aprendizado é um processo contínuo de passar pelo ciclo de aprendizagem de Kolb (Figura 1). Isso pode ser estimulado pelo uso de diferentes ferramentas/métodos em distintas situações, por exemplo, a análise de árvore problema pode ser usada antes ou após um determinado projeto com o propósito de avaliação e, então, refletir sobre as mudanças no tempo e decidir o que deve ser feito no futuro. Ou uma matriz pode ser usada para decidir sobre quais variedades de um cultivo podem ser mais adequadamente introduzidas em uma comunidade; e um diagrama de Venn pode ser usado

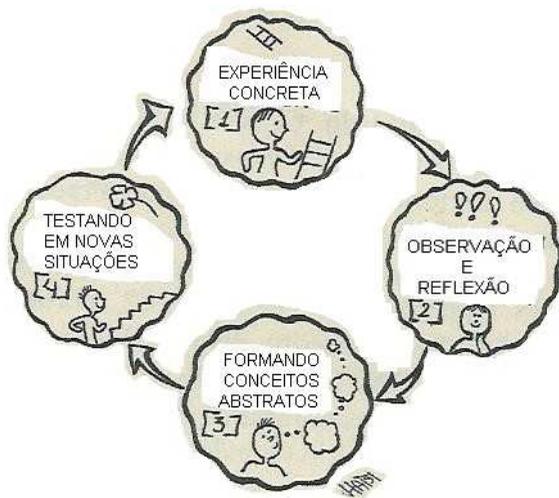


Figura 1
Ciclo de aprendizagem 'experiencial' de Kolb¹⁰

para decidir quais organizações locais podem facilitar a aprendizagem e quais outras organizações (de fora) podem apoiar o processo de aprendizagem participativa.

Ferramentas Participativas

O livro-guia descreve uma série de ferramentas participativas. Essas ferramentas não são prescritivas, mas antes, servem como um conjunto de opções que alguém pode usar. A criatividade é importante para adaptar as ferramentas ao contexto. Lembrem o ponto inicial não é 'que ferramenta eu posso utilizar' mas 'o que eu quero fazer' ou 'o que eu preciso saber' e 'quais ferramentas podem me auxiliar nisso'. As ferramentas utilizadas vão desde a visualização de campo, até entrevistas e trabalho em grupo. O tema comum é o estímulo ao aprendizado interativo, à troca de conhecimento, e à análise flexível, ainda que estruturada.

No guia, as ferramentas são apresentadas num formato e seqüência similar à freqüentemente utilizada em análise participativa. Que ferramentas aplicar, que tipo (mapa, matriz ou qualquer outra), com quem, em que seqüência depende muito do contexto e dos objetivos do exercício. Cada ferramenta descrita inicia explicando quando a utilizar, e qual o tempo e

materiais necessários. Descrevemos em etapas a metodologia a ser seguida. A maioria das ferramentas está acompanhada de desenhos ou de uma tabela com um exemplo de um dos treinamentos em que estivemos envolvidos, ou da literatura. Os desenhos, em muitos casos, foram modificados e adaptados ao seu propósito, como exemplos e fonte de inspiração dentro deste livro.

Como indicado acima, a seqüência se relaciona livremente a uma que pode ser aplicada no desenho e condução de diagnóstico e pesquisa participativos. Entretanto, isso está baseado somente em nossa experiência e deve ser modificado para qualquer contexto na quais as ferramentas são utilizadas. No início, fornecemos algum embasamento sobre diálogos semi-estruturados, diálogos com pessoas-chave e discussões de grupo foco, acompanhadas por uma orientação de um jogo que freqüentemente utilizamos para abordar, num contexto informal, assuntos relacionados com comunicação, sustentabilidade e participação. Então continuamos com a seqüência de ferramentas passando através de ferramentas mais gerais, históricas e institucionais, indo para aquelas que tratam de aspectos mais técnicos da agrobiodiversidade, de variedades e de sementes. Concluimos a seqüência com uma série de ferramentas que podem ser utilizadas para aprofundar a análise das informações obtidas no diagnóstico e pesquisa participativos pela equipe facilitadora, com ou sem colaboradores locais. Essas ferramentas analíticas podem ser utilizadas mais adiante para auxiliar em estabelecer algumas conclusões e desenvolver ações futuras a serem tomadas no processo participativo de aprendizado. Enquanto se desenha e se aplicam os exercícios com ferramentas que levam em conta a diversidade de temas a que se dirigem, e que podem continuamente ser adaptadas e modificadas, seja criativo e flexível. O mais crítico é que para um processo de aprendizado e ação ter sucesso, os facilitadores devem se lembrar que comportamento e atitudes são mais importantes do que os métodos e as ferramentas utilizados.

1. Diálogo semi-estruturado

Quando utilizar a ferramenta:

- Para obter informação geral através de diálogos com indivíduos (pessoas-chave), famílias ou grupos foco (veja ferramenta 3);
- A diferença entre uma entrevista e um diálogo é que este é uma troca, um fluxo de informações de via dupla;
- A técnica do diálogo semi-estruturado procura evitar as desvantagens de questionários estruturados tais como tópicos fechados (não há como discutir outros tópicos), falta de diálogo, opções limitadas para elaboração e explicações posteriores pelos entrevistados;
- Sua aplicação é muito ampla em relação a qualquer tópico a ser enfocado.

Duração: Depende do número e da complexidade dos tópicos;

Materiais: Caneta e um pequeno caderno; se documentado de uma forma aberta, cartões para documentar e relatar o debate, ainda que isso possa limitar o livre fluxo da comunicação.

Metodologia:

Passo 1: Desenvolver um guia com um máximo de 10 a 15 tópicos para diálogos com informantes-chave e com 5 a 7 tópicos para diálogos com grupos. Indicar os tópicos com palavras-chave; não devem ser formulados como perguntas, mas mais servirem como um a lista de verificação e guia flexível para o entrevistador.

Passo 2: Identificar como você irá selecionar as pessoas ou grupos a serem entrevistados. Aspectos-chave a considerar são:

- Acessibilidade;
- Identificar os informantes em diversos níveis de influência nos processos de tomada de decisão;
- Gênero e geração – assegurar a participação de homens e mulheres de diferentes gerações;
- Diversidade nos membros de uma comunidade e atores sociais – assegurar que diferentes grupos estão envolvidos;
- Sazonalidade – na escolha do momento do diálogo você deve estar ciente de que alguns membros da comunidade, famílias ou atores sociais podem não estar disponíveis ou presentes;
- Os dias e as horas de trabalho podem influenciar o momento do diálogo; consulte os parceiros locais sobre o momento mais adequado;

- Identificar aquelas pessoas e atores sociais que têm um interesse no projeto; entretanto, tenha certeza e confirme isso com eles próprios durante as sessões.

Passo 3: Implementação dos diálogos/entrevistas. O facilitador deve ter consciência do seguinte durante os diálogos:

- Criar confiança entre os participantes – minimizar a distância; não parecer muito formal no vestuário e atitudes; não mostrar desagrado ou desaprovação com algumas respostas;
- Manter sua atenção – acompanhe bem a discussão e olhe os participantes no rosto; não demonstrar fadiga;
- Não interromper para mudar o tópico da discussão;
- Não utilizar o guia de uma forma rígida – se novos tópicos interessantes emergirem, investigá-los e aproveitá-los;
- Em diálogos em grupo, assegure a participação dos diferentes membros. Utilize somente questões claras e abertas; não faça perguntas que só podem ser respondidas com sim ou não; utilize perguntas começando com O que, Por que, Como, Quando, Quem, Onde ...?
- Estimule os participantes a se aprofundarem com questões tipo Quem decide a respeito disso? Me conte mais a respeito ...?
- Não utilize perguntas complexas.

Passo 4: Análise dos dados:

- A análise é baseada na forma em que o diálogo é documentado, fazendo anotações durante a entrevista ou não, trabalhando com um entrevistador ou com equipes. É importante anotar toda a informação logo após a entrevista. Se você quer manter espontaneidade é importante analisar a informação em seguida à entrevista;
- Questões importantes a serem respondidas pelos entrevistadores são as seguintes:
 - O entrevistado/a tem experiência direta sobre o tópico em discussão?
 - O entrevistado/a expressou sua opinião livremente? Ou ele/ela expressou aquilo que queríamos ouvir?
 - Poderia haver alguma razão porque o(s) entrevistado(s) não disse(ram) a verdade? Qual é a influência de certas pessoas presentes sobre a manifestação de opiniões?
 - Descreva as respostas com fatos, opiniões e rumores.

Passo 5: Triangulação

- Verifique a informação com outros entrevistados e com informação obtida através da utilização de outras ferramentas.

2. Diálogo com informantes chave

Quando utilizar a ferramenta:

- Essa ferramenta não é necessariamente uma ferramenta participativa, entretanto, ela é necessária para preparar qualquer diálogo participativo em uma comunidade ou com atores sociais, ou pode ser utilizada para complementar a informação obtida;
- É crítico que o diálogo a respeito da comunidade e do tópico específico seja informal; dessa forma você pode obter muito rapidamente alguma informação-chave;
- Ele fornece uma base para um bom início de um diagnóstico participativo;
- Ele pode ser organizado com indivíduos, mas também com grupos. Entretanto, no último caso, a metodologia se encaminha mais para grupo foco de discussão de ou entrevistas semi-estruturadas.

Duração: Depende do número e da complexidade dos tópicos, mas em geral entre 1 e 2 horas por pessoa;

Materiais: Veja o diálogo semi-estruturado.

Metodologia

Passo 1: Desenvolver um guia com um máximo de 10 a 15 tópicos com informantes-chave. Seguir a metodologia do diálogo semi-estruturado.

Passo 2: Identificar os informantes-chave. Eles devem ser representativos de grupos diferentes (participante, social, gênero, geração) dentro da comunidade em que você quer trabalhar. Você pode identificá-los com base num mapa social ou uma matriz com grupos socioeconômicos. Os informantes devem ser relevantes em relação aos tópicos abordados; verificar continuamente a lista dos informantes-chave.

Passo 3: Introdução: A finalidade da entrevista deve ser claramente explicada; após, perguntar ao informante se ele ou ela quer participar. Você precisa explicar por que a entrevista acontece, e por que o informante foi identificado. Verificar a instituição que ele ou ela representa. Criar transparência e confiança é crucial para a continuação do trabalho, evitando confusão e evitando criar impressões erradas.

Passo 4: Para implementação da entrevista, siga as diretrizes do diálogo semi-estruturado.

Passo 5: A informação obtida deve ser comparada e verificada com outros diálogos, entrevistas e discussões sobre os tópicos.

3. Discussão de grupo foco

Quando utilizar a ferramenta:

- Reuniões de grupo foco são constituídas de pessoas ou atores sociais com interesses similares, que podem falar confortavelmente juntos, e que compartilham um problema ou propósito comum.
- Discussão de grupo foco, como uma ferramenta participativa, pode ser utilizada para obter conhecimento compartilhado por um determinado grupo o qual não é manifestado no contexto de uma reunião mais ampla. Essa informação pode ser comparada com aquela gerada por outros grupos ou um grupo mais amplo.
- A vantagem do grupo foco, sobre outros métodos de avaliação orientados mais individualmente, pode ser resumida no seguinte: muitos dados são obtidos em curto espaço de tempo; os dados estão bem assentados nas situações locais; uma série de perspectivas pode ser coletada, conectada e checada por cruzamento simultaneamente, não necessariamente trazendo uma expressão de consenso; combinação com os dados de discussões semi-estruturadas e possibilidade de usar outras ferramentas participativas para estruturar, estimular e visualizar discussões; pode conectar discussões, sensibilização e aumentar a compreensão para a tomada de decisão sobre tópicos específicos em um processo mais abrangente.

Duração: Depende do número de participantes e complexidade dos tópicos, mas em geral entre 2 a 4 horas;

Materiais: Isso depende muito do número de tópicos e das ferramentas participativas que estão sendo utilizadas para estruturar a discussão.

Metodologia – princípios básicos¹¹:

- Ao invés de prover um passo delineiam-se, de forma inteligente, alguns princípios básicos relacionados com discussões de grupo foco. Basicamente, a metodologia a ser utilizada deve estar muito próxima daquela elaborada para diálogo semi-estruturado, mas com ênfase mais forte na identificação dos participantes e desenhando uma seqüência de ferramentas de discussão que auxiliem a organizar a discussão do grupo foco.
- Uma lista com grupos foco ou atores sociais precisa ser compilada e analisada antes de decidir como esse grupos podem ser colocados juntos, ou colocando grupos com interesses similares juntos em um diálogo ou enfatizando a diversidade durante o diálogo. O resultado será muito diferente e a escolha é estratégica, frequentemente dependendo do objetivo e do momento do exercício dentro da avaliação mais ampla.

- Fluxo de informação transparente. Uma forma de iniciar esse processo é criar um ambiente para um diálogo aberto entre os atores sociais locais. Desde o início é necessário estar claro que a consulta faz sentido; os participantes são levados a sério e há espaço mais do que suficiente para o envolvimento local.
- Foco na situação local e flexibilidade. O propósito de organizar discussões de grupo foco é obter dados e informação gerada dentro de um contexto específico. As consultas e discussões devem, primeiramente, reforçar um entendimento da situação local; em segundo lugar, a diversidade das perspectivas locais sobre tópicos relevantes, tendo claro que não existem perspectivas uniformes em nível local, e, em terceiro, a complexidade local. Como forma de enfrentar essa complexidade e heterogeneidade, grupos foco, como ferramenta, precisam se adaptar para mudança das situações locais e para perspectivas imprevisíveis. Tal flexibilidade reforçará a qualidade da informação gerada.
- Qualidade e confiabilidade da informação. Dar espaço para uma diversidade de perspectivas criará mais informação confiável. Abordagens participativas, pela sua natureza coletiva (trabalho em grupos), como sistemas qualitativos de pesquisa, fornecem dados mais confiáveis. Quando se organizam grupos foco para diagnóstico, o aspecto representação deve ser levado em consideração. Quem é convidado? Qual é o mandato ou papel do representante? As pessoas só podem ‘usar um chapéu’, criando ambientes baseados em confiança mútua ao invés de confusão. Para atingir a melhor qualidade dos dados, as discussões de grupo foco precisam ser organizadas em locais variados, e sessões diversas necessitam ser organizadas em cada um dos locais. Para atingir melhores resultados, é exigida alguma repetição de eventos. Para encontrar o equilíbrio certo é necessário identificar locais e grupos estratégicos. Formas de reforçar a qualidade e confiabilidade dos dados são métodos de checagem cruzada e de triangulação. Entrevistas com pessoas-chave são formas simples para verificação.
- Estimulando a diversidade de perspectivas. Grupos foco são um instrumento eficaz para obter informação de uma diversidade de participantes. A escolha em trabalhar tanto com grupos heterogêneos quanto homogêneos pode ser estratégica em estreitar ou ampliar a diversidade dentro dos grupos. Se um foco mais estreito é utilizado, uma série de sessões com grupos distintos precisa ser organizada. Diversas ferramentas participativas estão disponíveis para reforçar as contribuições individuais em um esforço coletivo. O equilíbrio entre contribuições individuais e coletivas durante as discussões é crítico. Registrar perspectivas distintas é, assim, crítico para não perder essa diversidade.

- Cooperação. Quando se é transparente no fluxo de informação e se encaixa essa informação em todo o processo, a discussão de grupo foca criará, nos participantes, domínio sobre o processo inteiro. Um elemento crítico a ser levado em conta em relação a ter domínio é a questão da autorização. A aproximação e subsequente utilização da informação gerada pelas comunidades rurais e populações indígenas precisam ser bem encaixadas nas estruturas existentes. Uma questão crítica para a consulta é se as organizações responsáveis pelos grupos foca assumem uma atitude de aprendizado, expressando seu interesse em aprender com as comunidades locais.
- Discussão, debate ou diálogo. Dentro das discussões de grupo foca, um fluxo livre de informação é claramente necessário (sem agenda estrita). Esse aspecto também pode se tornar uma desvantagem. Independentemente de quão pequeno seja o grupo, existe uma tendência de alguns indivíduos dominarem a discussão e, assim, influenciarem a agenda e o resultado. O facilitador precisa estar bem preparado, assegurando o envolvimento de todos os participantes. Compreendendo que diversos participantes em uma discussão de grupo foca podem ter perspectivas diferentes, sugere-se criar um ambiente que possa ser caracterizado como de diálogo ao invés de debate. ‘Despedaçar cabeças não abre mentes’. Enquanto o diálogo é oposto ao conflito, debate e discussão devem ser considerados um componente essencial. O facilitador deve criar um ambiente no qual tanto as pessoas com formação relativamente homogênea (ou focada, como expresso no nome do método) ou heterogênea compartilhem experiências adquiridas, interesses, necessidades e preocupações.
- ‘O processo de aprendizagem de se comprometer com um diálogo é um resultado crítico de processos com múltiplos atores sociais’. Significa que os participantes vão de ouvir para escutar, ultrapassando a disputa, a adversidade e conflitos na interação.

4. Jogo dos feijões¹²

Quando utilizar a ferramenta:

Para permitir aos participantes vivenciar o conceito de sustentabilidade, de participação e de comunicação em uma montagem simples e rápida.

Duração: 30 minutos

Materiais: Pratos e feijões; cartaz com o objetivo e as regras do jogo.

Metodologia:

- O facilitador divide os participantes em grupos pequenos de 4 a 5 pessoas. Cada grupo senta-se formando um círculo. O facilitador impõe silêncio absoluto entre os participantes. Cada grupo recebe um prato contendo 25 grãos de feijão. O facilitador mostra o objetivo e as regras do jogo e pede a um dos participantes para as ler em voz alta. Perguntas não são permitidas. Quando o facilitador dá o sinal, o jogo começa. No final do jogo o total da colheita por indivíduo e por grupo é anotado; o número máximo e mínimo de grãos de feijão por pessoa e por grupo é fornecido ao facilitador que os anota.
- Depois do jogo, as seguintes questões são discutidas:
 - o O que os participantes sentiram durante o jogo?
 - o O que o jogo mostrou a respeito de interações entre pessoas?
 - o O que isso significa em à participação ou comunicação entre pessoas?
 - o O que o jogo mostra em relação a sustentabilidade?

○ Jogo dos Feijões

- Objetivo: O objetivo de cada jogador é obter tantos grãos de feijão quantos forem possíveis durante o jogo
- Regras:
 - Com o sinal do facilitador, os jogadores tiram os grãos de feijão do prato – todos ao mesmo tempo, mas utilizando somente uma mão. Isso é uma “rodada”.
 - O que ficou no prato é duplicado depois de cada rodada, pelo facilitador, até o máximo de 25 grãos.
 - O jogo termina quando o prato estiver vazio, ou depois de 10 rodadas.

5. Ilustração rica

Quando utilizar a ferramenta:

- Uma ilustração rica ilustra a riqueza e complexidade de uma situação;
- É um desenho de uma situação que ilustra os principais elementos e relações que precisam ser consideradas na tentativa de intervir para criar alguma melhora;
- Ilustrações, texto, símbolos e ícones devem todos ser utilizados para ilustrar graficamente a situação e estimular a discussão;
- É uma ferramenta poderosa para abrir e iniciar uma discussão sobre questões complexas nas quais grupos diversos dentro de uma comunidade ou atores sociais diferentes podem ter pontos de vista distintos.

Duração: 1 – 2 horas

Materiais: Marcadores, folhas grandes de papel

Metodologia:

- Uma ilustração rica é melhor desenvolvida em um grupo de cerca de 4 a 7 pessoas.
- Ter uma folha grande de papel. Quatro folhas padrão de papel coladas é uma boa regra prática. Quanto mais complexa a situação maior a folha de papel necessária.
- Colocar a folha de papel sobre uma mesa ao redor da qual todos estão sentados ou em pé de forma que cada pessoa possa facilmente desenhar no papel. Tenha certeza que cada pessoa têm um marcador e que dentro do grupo há cores diferentes de marcadores.
- Encoraje todos a contribuir e deixe claro que habilidade de desenhar não é importante.
- Utilize questões de análise da situação (atores sociais, problemas, assuntos, oportunidades, visões, contexto e como esses estão relacionados uns aos outros) como um guia para desenvolver a ilustração rica. Começar com as características físicas da situação e os atores sociais principais. Por exemplo, as pessoas, as organizações e os aspectos da paisagem que são importantes. Então, indique as conexões entre essas entidades.
- Para referência futura, peça ao grupo para escrever uma história a respeito da ilustração utilizando números para conectar a ilustração às explanações.

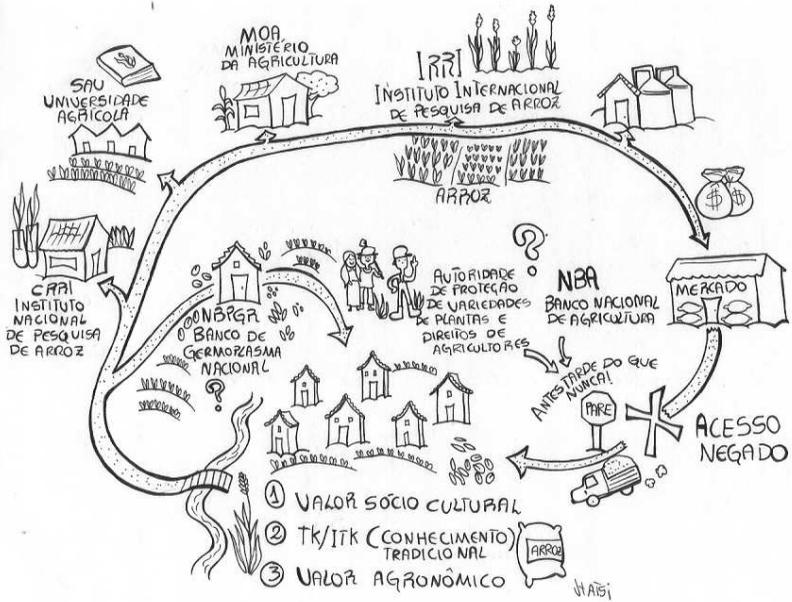


Ilustração rica sobre acesso de variedades de arroz e conhecimento associado em Índia, Treinamento em Agrobiodiversidade, Wageningen, 2006

6. Diagrama de Venn

Quando utilizar a ferramenta:

- Você quer identificar com os participantes (agricultores ou atores sociais) quais são os atores sociais internos e externos considerados importantes dentro e/ou associados à comunidade;
- Você quer facilitar os participantes a terem um melhor entendimento das interações entre as organizações e apoiar a divisão de responsabilidades durante o planejamento baseado nos resultados da avaliação;
- O diagrama de Venn lhe informará sobre quais são os atores sociais chave a serem envolvidos nas atividades baseadas na comunidade.

Duração: 1 – 2 horas;

Materiais: Papel cartaz e canetas; círculos de papel de diferentes tamanhos (ao menos 20, de 3 diferentes tamanhos).

Metodologia:

A reunião deve incluir pessoas representativas de diferentes partes da comunidade. Os participantes podem ser divididos em subgrupos, cada um realiza o exercício, e depois, se comparam os resultados.

Passo 1: Iniciar uma discussão sobre organizações, tanto formais como informais, que desempenham um papel nos modos de vida e na organização social da comunidade.

Passo 2: Peça aos participantes para escrever em cartões todas as organizações que desempenham algum papel na comunidade. Grupos informais da comunidade são adicionados. A discussão pode iniciar com a pergunta: Qual instituição é a mais importante para o desenvolvimento da comunidade? Os participantes podem não concordar, mas o facilitador deve assegurar que todas as organizações e grupos informais mencionados estão registrados em cartões.

Passo 3: Desenhe um grande círculo no papel cartaz; esse círculo representa a comunidade. Escreva os nomes das organizações e dos grupos mais importantes nos círculos maiores (um por círculo) e coloque-os no quadro. Faça o mesmo com as outras instituições e grupos, utilizando círculos de tamanho menor pela ordem de importância. Instituições ou grupos que são considerados parte da comunidade ou muito relevantes para ela podem ser colocados dentro do círculo que representa a comunidade; aqueles menos relevantes ou considerados distantes da comunidade são colocados fora do círculo.

- Passo 4: Pergunte aos participantes se existem relações entre as organizações e os grupos. Organize as instituições/grupos de tal maneira que os que têm relação sejam colocados perto um do outro; se isso for complicado, indicar as relações com flechas. Essa fase pode necessitar de discussões consideráveis.
- Passo 5: O resultado é um diagrama de relações interinstitucionais na comunidade. No caso de trabalhar em diferentes subgrupos, compare os resultados dos diferentes grupos.



**Diagrama de Venn na Comunidade de Campo do Rio Bravo,
Treinamento em Agrobiodiversidade,
Santa Catarina, Brasil, 2006¹³**

7. Identificação de atores sociais e gráfico de fluxo

Quando utilizar a ferramenta:

- Você quer conhecer os atores sociais envolvidos em conservação, no melhoramento genético e/ou no setor de sementes, que são considerados chave;
- Você que facilitar aos participantes terem uma melhor compreensão da estrutura institucional da conservação de biodiversidade, do melhoramento genético e de programas de produção de sementes;
- Você quer entender e caracterizar fluxos de germoplasma, de informação e de recursos financeiros entre os atores sociais;
- Você quer identificar os atores sociais que devem ser envolvidos em atividades futuras.

Duração: 1 – 2 horas;

Materiais: Cartões coloridos, marcadores, folhas grandes de papel.

Metodologia:

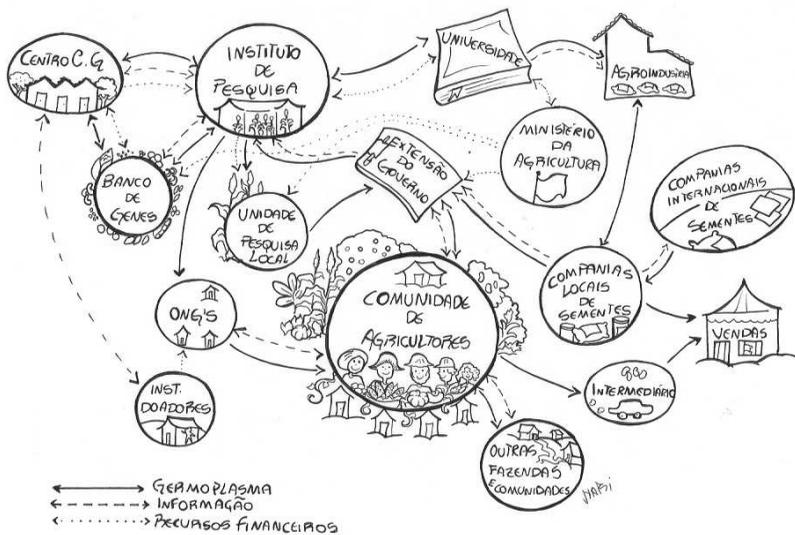
A atividade pode ser realizada com um grupo composto durante uma reunião maior da comunidade, pode ser aplicada com grupos foco ou grupo de atores sociais. Antes de começar, o facilitador explica o objetivo do exercício e organiza com os participantes os assuntos que serão discutidos.

Passo 1: Identificar os atores sociais e desenhar o sistema:

- Cartões utilizados pelos participantes para indicar organizações, instituições, e atores locais (da comunidade) e de fora (externos);
- Organizações similares são colocadas juntas, em grupos;
- A distância entre os grupos está relacionada a suas afiliações;
- Atores sociais adicionais no setor têm seus nomes escritos em cartões e adicionados à folha de papel.

Passo 2: Analisar fluxos de germoplasma, de informação e financiamento:

- Utilizando um marcador verde, desenham-se os fluxos de germoplasma entre os atores sociais; flechas, indicando a direção do fluxo, podem estar em um ou em ambas direções;
- Utilizando um marcador azul, desenham-se os fluxos de informação entre os atores sociais;
- Utilizando um marcador vermelho, desenham-se os fluxos de recursos financeiros entre os atores sociais;
- A estrutura formal e informal dos recursos genéticos de plantas/ sistema de sementes é discutida.



Identificação de atores sociais e gráfico de fluxo
Curso sobre o Sistema Informal de Sementes, Etiópia, 2006

8. Matriz para estratificação social dos membros da comunidade

Quando utilizar a ferramenta:

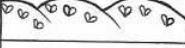
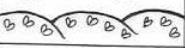
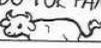
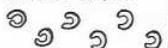
- A ferramenta auxilia a determinar os critérios utilizados pelos agricultores para caracterizar níveis de sustentabilidade entre as famílias, dentro de uma comunidade;
- Além disso, auxilia a entender como o acesso a recursos caracteriza grupos socioeconômicos dentro da comunidade.

Duração: 1 – 2 horas, dependendo da complexidade e do número de participantes;

Materiais: Papel cartaz e canetas.

Metodologia:

- Passo 1: Reunir um grupo de pessoas locais, preferencialmente de diferentes grupos da comunidade e explicar a eles o objetivo do exercício.
- Passo 2: Determinar, com os participantes, três ou quatro níveis /tipos de famílias. Critérios para diferenciação estão ligados aos modos de vida da família e/ou sustentabilidade, os quais podem estar relacionados à renda da família, dependência de insumos externos, e indicadores sociais baseados nas estratégias dos modos de vida.
- Passo 3: Prepare uma matriz, com os tipos de famílias na primeira linha (utilize símbolos).
- Passo 4: Peça aos participantes para identificarem as exatas diferenças entre os grupos de famílias. Acesso a diferentes recursos de produção tais como terra arável, propriedade, mão de obra disponível, animais, maquinário etc. deve guiar a discussão. Os diferentes recursos são colocados na primeira coluna.
- Passo 5: Tente coletar dados quantitativos e estabelecer a classificação em uma matriz simples.
- Passo 6: Uma vez que a matriz esteja completa, revise com os participantes a relevância da informação.
- Passo 7: Priorização de critério. Os diferentes recursos identificados devem ser priorizados, para ver com os participantes quais os recursos que eles consideram mais importantes.
- Passo 8: Esse exercício deve ser repetido com vários grupos, para completar a informação.

RECURSOS	BOM PODE CONTRA- TAR MÃO-DE-OBRA 	ACEITÁVEL 	MAU 
TERRA ARÁVEL 	2-3 has 	1-2 has 	MENOS QUE 1 ha 
CABEGAS DE GADO POR FAMÍLIA 	4-5 CABEGAS 	1-2 CABEGAS 	NENHUMA 
PESSOAS QUE TRABALHAM NA PROPRIEDADE 			
NÚMERO DE PORCOS 	2-3 	1 	NENHUM
TRANSPORTE 			
ACESSO 	PRÓXIMO A ESTRADA 		MAIS QUE 1/2 hr ANDANDO
CREDITO 	BANCO 	INTERMEDIÁRIO 	NENHUM 

WABI

Grupos sociais definidos pelo acesso das famílias a recursos,
Prochamate, El Salvador¹

9. Linha de tempo

Quando utilizar a ferramenta:

- A linha de tempo auxilia os facilitadores e participantes (comunidade) a entender mudanças no passado da comunidade;
- É uma ferramenta útil para iniciar uma avaliação participativa e colocar uma diversidade de assuntos em um contexto histórico.

Duração: 2 – 3 horas;

Materiais: Marcadores, cartões e papel.

Metodologia:

A linha de tempo deve retornar ao ponto mais distante do passado, até o evento no passado que os participantes lembram ou ouviram de seus ancestrais. É importante que o facilitador convide pessoas de várias gerações e gênero da comunidade; a presença de participantes mais idosos é fundamental.

Passo 1: Organize um ou vários grupos de trabalho; é importante trabalhar em grupos, assim os participantes concordam e estimulam uns aos outros. O facilitador explica o objetivo do exercício.

Passo 2: O facilitador inicia a discussão com perguntas: Quando a comunidade foi fundada? Quem foram os primeiros a chegar? Os participantes decidem quais os eventos que foram importantes. Cartões individuais podem ser utilizados durante a “tempestade de idéias” e o sequenciamento dos eventos.

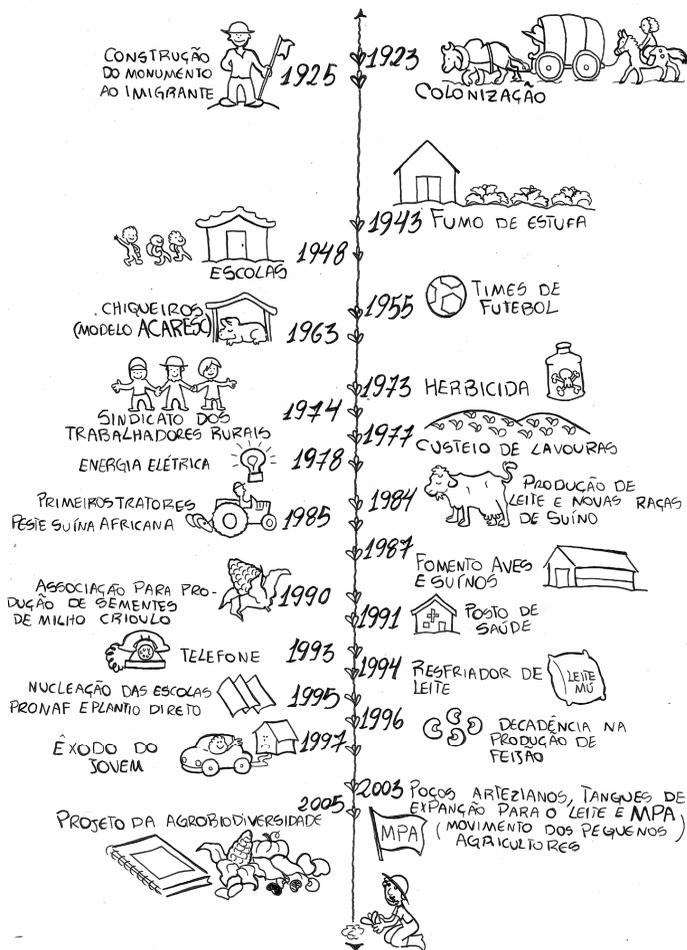
Passo 3: Coloque os eventos (como escritos nos cartões individuais) numa linha vertical que representa a linha de tempo, com os eventos mais antigos em cima. Algumas vezes é difícil estabelecer as datas (especialmente para eventos muito antigos). Os participantes podem utilizar pontos de referência locais, nacionais ou internacionais.

Passo 4: Organize os comentários sobre os eventos e suas implicações em um tópico que é discutido durante o estudo participativo. É importante que esses comentários não sejam perdidos; o facilitador deve lembrar deles durante a discussão ou documentá-los em cartões utilizando outra cor.

Passo 5: Quando a linha de tempo está concluída, discutir as tendências proporcionadas por alguns eventos, por exemplo, o uso de alguns tipos de variedades (introdução dos híbridos modernos, mudanças nos sistemas de cultivos, etc.).

Passo 6: Podem ser formados subgrupos para discutir tópicos distintos, os quais podem mais tarde serem apresentados em uma plenária.

Passo 7: Checar o resultado com outras fontes de informação.



Linha de tempo realizada em Palmitos,
 Treinamento em Agrobiodiversidade,
 Santa Catarina, Brasil, 2005¹⁴

10. Gráfico histórico da comunidade

Quando utilizar a ferramenta:

- Essa ferramenta dá a você percepção de aspectos específicos em um contexto histórico;
- Ela conecta diferentes assuntos no tempo e auxilia os participantes a identificar relações lógicas entre assuntos relacionados a organização social, saúde, produção, recursos naturais, etc.
- O gráfico histórico pode complementar exercícios como a linha de tempo.

Duração: 1 – 3 horas;

Materiais: Papel cartaz, cartões, canetas.

Metodologia:

A atividade pode ser realizada em um grupo composto durante uma reunião maior da comunidade, ou pode ser aplicada com grupos foco ou famílias (história da unidade de produção). O gráfico histórico pode alcançar um período de tempo relativamente pequeno (máximo 10 anos), especialmente quando são necessários dados quantitativos.

- Passo 1: Organizar com os participantes os elementos que serão discutidos; utilizar cartões ou outros materiais para visualização durante a “tempestade de idéias”. A identificação de tópicos depende do foco da discussão. Acordo entre os participantes sobre os tópicos é crucial; o facilitador deve guiar a discussão tendo em mente o foco geral do diagnóstico.
- Passo 2: Prepare uma matriz com os elementos identificados, com tantas colunas quanto necessário para os anos envolvidos. Cheque o acordo sobre os símbolos ou materiais que representam os tópicos que são discutidos; isso é colocado na primeira coluna da matriz.
- Passo 3: Para cada tópico, pergunte aos participantes se eles lembram um ano excepcional (por exemplo, quando os cultivos produziram excepcionalmente pouco). Esse ano servirá com uma referência. Se eles não lembram dados quantitativos, pergunte a eles por indicações relativas na matriz, utilizando símbolos (veja o exemplo).
- Passo 4: Quando a matriz está completa, ela pode apoiar a discussão, revelando muita informação valiosa (tanto qualitativa como quantitativa) sobre as variações anuais ou temporais e a percepção das variações pelos diferentes membros da comunidade.

Passo 5: Quando o gráfico está concluído, o facilitador estimula a discussão (por exemplo, pedindo aos participantes para explicarem as diferenças e as mudanças mais evidentes que são visualizadas). A discussão e as explanações do gráfico devem ser documentadas em cartões individuais para monitorar e registrar esses comentários possivelmente importantes. O gráfico também deve ser interpretado em termos de problemas e potenciais.

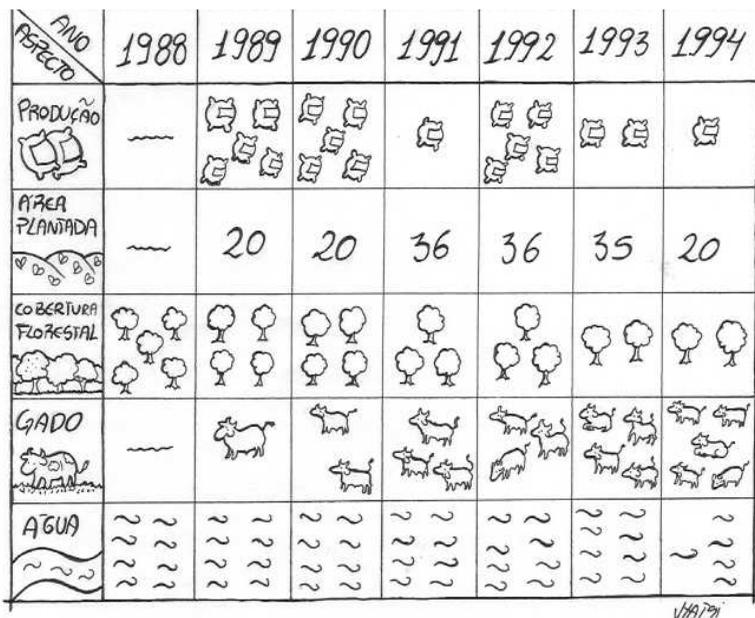


Gráfico histórico,
Cantão Teosinte, México¹

11. Mapa histórico do uso de agrobiodiversidade

Quando utilizar a ferramenta:

- Com esses mapas, a comunidade pode avaliar as mudanças nos recursos naturais e na biodiversidade;
- Desenhar esses mapas facilita a troca de informação entre diferentes gerações de membros da comunidade;
- Esses mapas auxiliam a entender os problemas atuais num contexto histórico;
- Quando se desenhavam mapas do futuro, a ferramenta é uma forma de desenvolver conjuntamente uma visão futura de um tópico (veja ferramenta 30).

Duração: 2 – 3 horas (máximo);

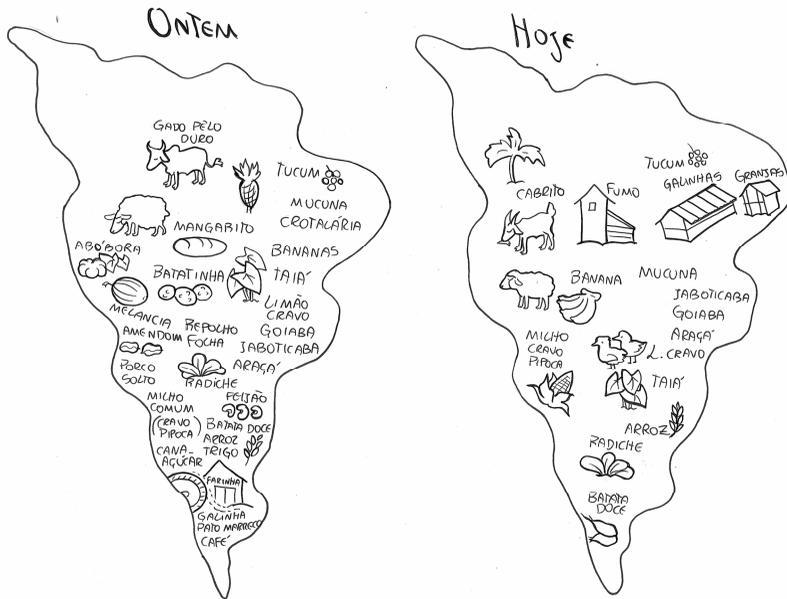
Materiais: Mapa (ferramenta 12) e/ou diagrama de corte transversal (ferramenta 14); se possível, antiga foto aérea da área em escala ampla (1/20.000).

Metodologia:

Passo 1: Organizar grupos de membros da comunidade de gerações distintas (idosos, adultos e jovens). Os participantes idosos devem conhecer bem o passado da comunidade. Explicar aos grupos de gerações os objetivos do exercício. Isso será mais fácil com os participantes que estiveram envolvidos antes nos exercícios de mapeamento e/ou diagrama de corte transversal.

Passo 2: Com os mapas e o diagrama de corte transversal em mente, peça aos participantes idosos (avós) para desenharem o passado, os participantes adultos (pais) para desenharem o presente, e os jovens (filhos/netos) para desenharem sua perspectiva sobre o futuro. Cada grupo desenha seu próprio mapa.

Passo 3: Compare os mapas/sucessivas descrições e discuta as principais mudanças que ocorreram, bem como as visões sobre o futuro.



Comparação entre um mapa histórico e um atual da agrobiodiversidade de uma unidade de produção em Grão-Pará, Treinamento em Agrobiodiversidade, Santa Catarina, Brasil, 2006¹⁵

12. Mapa ilustrando os recursos naturais e o uso da terra

Quando utilizar a ferramenta:

- Durante um diagnóstico, essa ferramenta auxilia os participantes a chegarem a uma distribuição espacial e utilização dos recursos naturais comuns;
- Uma grande diversidade de mapas é possível e auxilia durante as avaliações a conectar famílias, instituições, biodiversidade, sementes e recursos naturais.

Duração: 1 – 3 horas, dependendo da complexidade dos recursos envolvidos;

Materiais: Papel cartaz com marcadores.

Metodologia:

Passo 1: Organizar um grupo de membros da comunidade (máximo 10 pessoas) e explicar o objetivo do exercício. Se necessário dividir os participantes em grupos por afinidade (por exemplo, separar os participantes homens, mulheres, jovens ou idosos).

Passo 2: Discutir com os participantes como o mapa será desenhado e os temas que devem aparecer (rios, estradas, casas, matos, agricultura etc.). Se os participantes querem incluir muitos temas, pode ser útil desenhar vários mapas.

Passo 3: Ajude a dar início ao exercício (por exemplo, auxilie a encontrar os primeiros pontos de referência). Dê ao grupo a liberdade de desenhar qualquer coisa que ache relevante. Comece com um mapa identificando os principais pontos de referência como rios, estradas etc. Uma vez que o desenho está iniciado, o facilitador não deve mais intervir.

Passo 4: Apresentação dos mapas em uma discussão em plenária. Comentários podem ser adicionados aos mapas.

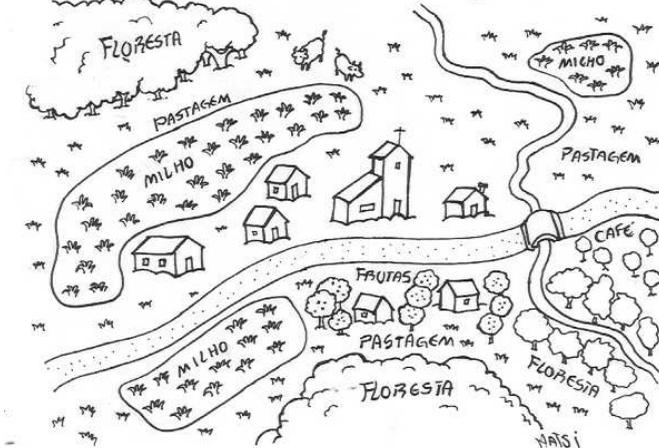
Passo 5: Copiar os mapas. Deixar os originais com a comunidade e as cópias com o facilitador.

Nota: O mapa pode ser utilizado como ponto de partida para diversas análises. Pode ser utilizado para guiar a caminhada transversa. Ele pode ser complementado mais tarde e/ou dividido em diferentes mapas para diferentes tópicos, ou em mapas do passado, do presente e do futuro.

MAPA DA COMUNIDADE



MAPA DE USO DA TERRA



Base e mapa de uso da terra,
Prochalate, El Salvador¹

13. Mapa da unidade de produção mostrando aspectos de gênero

Quando utilizar a ferramenta:

Essa ferramenta facilita os participantes a aprenderem mutuamente a respeito das contribuições diferenciadas dentro da família, específicas de gênero, na unidade de produção e/ou manejo da agrobiodiversidade.

Duração: Aproximadamente 2 horas, dependendo da complexidade da situação tratada;

Materiais: Papel cartaz e marcadores.

Metodologia

O mapa da unidade de produção dará aos participantes uma percepção do uso do espaço nela. É importante que toda a família, incluindo marido, esposa, avós e filhos participem no desenho inicial do mapa da unidade de produção.

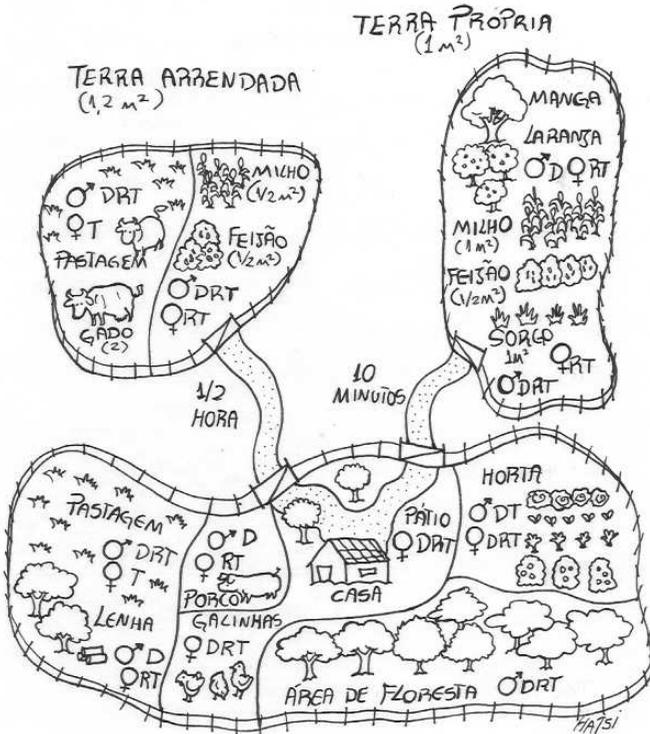
Passo 1: Explicar o exercício e discutir com os participantes a forma de fazer o mapa. Auxilie os participantes a darem início, por exemplo, colocando o primeiro ponto de referência. Começar com um mapa básico com pontos de referência importantes como casas, estradas, etc. e adicionar outros recursos ao mapa como campos e cultivos, pastagens, horta, lenha, animais, etc.

Passo 2: Explicar que o mapa precisa ser completado com informação de contribuições de diferentes membros da família para o manejo dos recursos específicos, de agrobiodiversidade e/ou sementes. Para as atividades da unidade de produção indicadas quem decide, identificar quem é responsável e quem faz o trabalho. Utilize símbolos para indicar esses aspectos:

- Gênero: Utilize símbolos diferentes para marido, esposa, avós e crianças, por exemplo ♀, ♂;
- Responsabilidade:
 - “D” para quem decide. Faça a pergunta “Quem toma as decisões a respeito dos recursos da unidade de produção?” Por exemplo, o marido decide utilizar lenha de uma determinada parte da propriedade; a esposa decide plantar certas espécies de hortaliças em sua horta;
 - “R” para quem é responsável. Faça a pergunta “Quem é responsável para solicitar determinados recursos?” Por exemplo, a avó é responsável para dizer que a lenha existente na casa é insuficiente; a esposa indica que necessita plantar certas hortaliças na horta;

- “T” para quem faz o trabalho. Por exemplo, o marido e as crianças são responsáveis por coletar a lenha; a avó é responsável por manter as sementes para a horta.

Passo 3: Quando o mapa está concluído para as atividades da unidade de produção identificadas, discutir os resultados e analisar juntos os papéis e funções diferenciados dos membros da família. É importante para o facilitador não expressar sua opinião, mas facilitar durante a discussão.



Mapa de uma unidade de produção especificando papéis de gênero, Prochalate, El Salvador¹

14. Caminhada da comunidade e corte transversal de recursos naturais

Quando utilizar a ferramenta:

- A caminhada pela comunidade e o diagrama de corte transversal visa despertar a consciência dos membros da comunidade sobre a distribuição, no espaço, dos recursos naturais e agrícolas e seu manejo;
- O diagrama é um ponto de partida para discussões que buscam alternativas para o uso da terra, dos recursos naturais e da agrobiodiversidade;
- A caminhada e o corte transversal auxiliam as pessoas a expressar o que elas sabem a respeito de seu ambiente;
- A caminhada é boa para dar início a discussões;
- O diagrama de corte transversal auxilia a estruturar tópicos levantados nas discussões durante a caminhada;
- Atenção especial é dada a áreas (topografia, solo, acesso à água, recursos naturais e agrobiodiversidade como espécies e variedades) com seus diferentes usos e variações no uso, problemas associados e potenciais para desenvolvimento.

Duração: O tempo necessário dependerá de a área coberta ser desde uma unidade de produção até uma comunidade. O exercício pode ser conduzido em umas poucas horas se estendendo a um dia. O trabalho, depois da caminhada pelo campo, não deve tomar mais do que 2 horas.

Materiais: Mapa da área (preferencialmente um mapa participativo), um caderno para documentar a discussão, papel e marcadores para o diagrama de corte transversal.

Metodologia:

O conceito de corte transversal pode ser um pouco difícil de explicar. Entretanto, uma vez demonstrado, o método é simples e oferece visões claras para discussões e análise subsequente. A idéia básica é representar as diferentes características e mudanças em um itinerário através da área.

Passo 1: Selecionar um pequeno grupo de informantes/participantes (3 a 5 pessoas). Para explicar o exercício ao grupo, utilizar um exemplo prático. Discutir o melhor itinerário para visitar a unidade de produção, a comunidade ou a área definida; a caminhada não precisa ser uma linha reta, mas deve ir através da maior diversidade possível de áreas, de usos, etc. É importante que, baseado na

caminhada, o corte transversal represente bem a área abrangida. Em áreas montanhosas ou com morros, a caminhada geralmente inicia no topo do morro indo para o próximo morro, atravessando o vale e todos os tipos de vegetação. É mais fácil determinar a rota no povoado, comunidade ou unidade de produção caso um mapa tenha sido previamente desenhado.

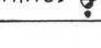
Passo 2: Começar a rota do itinerário selecionado e documentar as características e mudanças básicas, sempre usando os nomes como utilizados pelos participantes. Durante a rota, envolver as pessoas nas discussões que vocês se depararem durante a caminhada.

Passo 3: Apresentar a informação dos participantes a respeito do itinerário em uma folha grande de papel; desenhar um diagrama com um corte transversal da área, com suas diferentes zonas e suas denominações. Pergunte aos participantes a respeito das classificações empregadas. Dependendo da complexidade, o desenho pode ser feito durante ou após o itinerário.

Passo 4: Depois de uma discussão com os participantes (individualmente ou em grupos), indicar no diagrama a informação fundamental a respeito do uso e das recursos atuais em cada área:

- Que recursos estão presentes em cada área (uso específico da terra, vegetação, cultivos, outros recursos relevantes)?
- Por que esses recursos estão presentes nessa área?
- Quem trabalha com e quem usufrui os benefícios desses recursos?
- Quem tem acesso a esses recursos?
- Houveram mudanças importantes no passado?

Passo 5: Discutir o que foi levantado com o mapa e utilizá-lo para etapas consecutivas na avaliação ou no processo comunitário de planejamento.

 SOLO	POBRE ARENOSO	RICO SOLO PRETO	SOLO VERMELHO	~
 AGUA	MUITO SECO	UMIDADE DISPONIVEL QUANDO HA CHUVA SUFICIENTE	SECO	UMIDADE DISPONIVEL TODO O ANO
PLANTACOES E ESPECIES	FLORESTA E PASTAGEM	MILHO, FEIJOAO E FRUTAS	PASTAGEM	FLORESTA
ANIMAIS 	GADO E CAVALOS	PORCOS E AVES DOMESTICAS	CAVALOS	~
QUEM TRABALHA 	MULHERES DA COMUNIDADE PROCURAM LENHA	EM CADA PROPRIEDADE UMA FAMILIA	MULHERES E CRIANCAS MANTEM ANIMAIS	~
O QUE HAVIA ALI ANTES 	MUITAS FLORESTAS	MANDIOCA E BATATA-INGLESA	LENHA FOI ANTERIORMENTE COLETADA	HAVIA MAIS AGUA

Haraji

Diagrama de um corte transversal,
Prochalate, El Salvador¹

15. Mapa demonstrando o acesso a recursos naturais

Quando utilizar a ferramenta:

- Essa ferramenta auxilia os participantes e facilitadores a perceber os arranjos da comunidade no acesso aos recursos naturais de uso comum (matas, pastagens, água, etc.);
- Com essa ferramenta pode ser determinado se o acesso aos recursos naturais difere entre os membros da comunidade;
- Essa informação é muito difícil de obter através de questionários formais.

Duração: 2 – 3 horas;

Materiais: Papel cartaz e marcadores de diferentes cores.

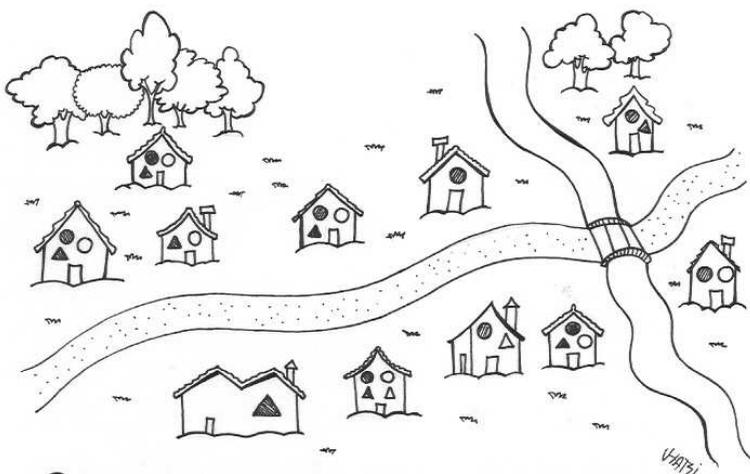
Metodologia:

Passo 1: Organizar um encontro com um pequeno grupo de membros da comunidade, de diversas famílias, que conheçam bem a comunidade. Explicar os objetivos do exercício.

Passo 2: Estabelecer um mapa base com alguns pontos de referência (rodovias, rios, etc.). Desenhar as casas da comunidade sobre o mapa e perguntar a cada família se elas têm acesso aos recursos que estão sendo discutidos. Se possível, agregue informação quantitativa.

Passo 3: Se outras comunidades têm acesso aos mesmos recursos, elas devem ser incluídas no mapa.

Passo 4: É importante repetir o exercício com outros membros da comunidade, para comparar as percepções de homens e mulheres, de idosos e jovens. Se houver mais de uma comunidade envolvida, repetir o exercício em cada comunidade.



- ACESSO A TERRA PARA O PLANTIO DE CEREAIS
- ACESSO A PASTAGEM COLETIVA
- ▲ ACESSO A FLORESTA PARA COLETAR LENHA
- △ ACESSO A TERRA PARA EXTRAÇÃO DE MADEIRA

**Mapa de acesso a recursos,
Prochalate, El Salvador¹**

16. Calendário de cultivos enfocando gênero

Quando utilizar a ferramenta:

- Com essa ferramenta pode ser determinado quem, na unidade de produção, diferenciado por gênero, é responsável por quais atividades e quando;
- A informação obtida pode ser crítica para planejar intervenções.

Duração: 2 horas;

Materiais: Papel cartaz e marcadores de diferentes cores.

Metodologia:

- Passo 1: Organizar um encontro da comunidade ou de um pequeno grupo de pessoas interessadas. Os grupos podem ser separados em subgrupos de homens e mulheres, mais velhos e mais jovens. A divisão também depende do número de participantes. Explicar o objetivo do exercício e a função do calendário sazonal e definir os tópicos a serem tratados.
- Passo 2: Estabelecer uma linha de tempo, em meses, no alto do papel (primeira linha). A seqüência dos meses não precisa acompanhar o calendário anual, mas pode estar em harmonia com as safras dos cultivos. Colocar blocos separados diferentes (primeira coluna) para as atividades por gênero e gerações (mulheres, homens, avós e crianças). Definir as atividades.
- Passo 3: Para cada atividade, descrever as flutuações sazonais desenhando linhas horizontais grossas. Contudo, primeiro trabalhar com pequenos pedaços de papel ou materiais locais como feijões, como forma de deixar o grupo chegar a um consenso. Trabalhar atividade por atividade. Somente fazer o desenho da linha depois de concluir.
- Passo 4: Discutir os resultados e identificar os períodos que seriam favoráveis para intervenções específicas. Identificar a disponibilidade dos diferentes membros da família.
- Passo 5: O calendário pode ser elaborado em grupos diferentes (por gênero). Mais tarde eles poder ser discutidos e verificados.
- Passo 6: Fazer uma cópia do calendário e explicar para que será utilizada.

 MULHER
COZINHA
CUIDAR DAS CRIANÇAS
PORCOS E GALINHAS

HORTALICAS
MILHO
FRUTAS
GADO
LENHA

COLETAR ÁGUA
 HOMEM

MILHO E SORGO
GADO
ARROZ

TRABALHO ASSALARIADO
 CRIANÇAS

LENHA
ESCOLA

	JAN	FEV	MAR	ABR	MAY	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN
MULHER COZINHA	🍷	🍷	🍷	🍷	🍷	🍷	🍷	🍷	🍷	🍷	🍷	🍷	🍷
MULHER CUIDAR DAS CRIANÇAS	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊
MULHER PORCOS E GALINHAS	🐷	🐷	🐷	🐷	🐷	🐷	🐷	🐷	🐷	🐷	🐷	🐷	🐷
MULHER HORTALICAS						♥	♥	♥	♥	♥			
MULHER MILHO	🌽	🌽							🌽		🌽	🌽	🌽
MULHER FRUTAS					🍎	🍎	🍎	🍎	🍎	🍎			
MULHER GADO	🐄	🐄	🐄	🐄	🐄	🐄	🐄	🐄	🐄	🐄	🐄	🐄	🐄
MULHER LENHA	🪵	🪵	🪵	🪵	🪵	🪵	🪵	🪵	🪵	🪵	🪵	🪵	🪵
MULHER COLETAR ÁGUA	💧	💧	💧	💧	💧	💧	💧	💧	💧	💧	💧	💧	💧
HOMEM													
HOMEM MILHO E SORGO			👑	👑	👑	👑	👑	👑	👑	👑		👑	
HOMEM GADO	🐄	🐄	🐄	🐄	🐄	🐄	🐄	🐄	🐄	🐄	🐄	🐄	🐄
HOMEM ARROZ			🍚	🍚	🍚	🍚	🍚	🍚					
HOMEM TRABALHO ASSALARIADO	💰	💰	💰						💰	💰	💰	💰	💰
CRIANÇAS													
CRIANÇAS LENHA	🪵	🪵	🪵	🪵	🪵	🪵	🪵	🪵	🪵	🪵	🪵	🪵	🪵
CRIANÇAS ESCOLA	📖	📖	📖	📖	📖	📖	📖	📖	📖	📖	📖	📖	📖

WAFI

Calendário sazonal de atividades da unidade de produção, especificadas por gênero, Prochalate, El Salvador¹

17. Lista de agrobiodiversidade (cultivos e variedades)

Quando utilizar a ferramenta:

- A matriz auxilia você a identificar variedades únicas, comuns e raras de espécies cultivadas na comunidade;
- Também mostra a diversidade disponível na comunidade ou na unidade de produção familiar;
- É uma ferramenta útil para determinar a origem, grau de troca e uso específico de variedades e sementes.

Duração: 2 horas;

Materiais: Materiais locais para uma matriz sobre o piso, ou uma folha grande de papel e marcadores.

Metodologia:

Passo 1: Discutir a finalidade do exercício com os participantes. Os participantes podem ser membros de uma família, ou um grupo de representantes das famílias na comunidade.

Passo 2: Desenhar uma matriz. Assinalar que os participantes têm que listar um número limitado de espécies (primeira coluna), com as variedades disponíveis para cada espécie (segunda coluna).

Passo 3: Listar para cada variedade a origem (ano, fonte de semente), grau de troca com outros agricultores e/ou usos específicos (primeira linha).

Passo 4: Continuar com outros tipos de cultivos. Para ter uma boa visão geral incluir cultivos para renda e para alimento, grãos, hortaliças e frutas; e, ainda, os cultivos que produzem o próprio adubo, os de polinização cruzada e os propagados vegetativamente.

Nota: A ferramenta de avaliação de diversidade pode ser utilizada antes do mapeamento de variedades ou espécies. Também pode ser utilizada como uma etapa antes da análise quatro - células.

VARIEDADES DE FEIJÃO	AGRICULTORES QUE PLANTAM *	TAMANHO DA ÁREA **	ORIGEM DA SEMENTE (TROCA, FAMÍLIA, ETC) ***
PRETO 	 	<input type="checkbox"/>	 
BRANCO 		<input type="checkbox"/>	 
VERMELHO 		<input type="checkbox"/>	 
PINTADO 		<input type="checkbox"/>	 
VAGEM 	 	<input type="checkbox"/>	 
METRO 		<input type="checkbox"/>	 
VARIEDADES DE BATATA	AGRICULTORES QUE PLANTAM *	TAMANHO DA ÁREA **	ORIGEM DA SEMENTE (TROCA, FAMÍLIA, ETC) ***
DOCE (ROXA) 	 	<input type="checkbox"/>	
DOCE (VERMELHA) 	 	<input type="checkbox"/>	
DOCE (AMARELA) 	 	<input type="checkbox"/>	
INGLESA (ROXA) 	 	<input type="checkbox"/>	 
INGLESA (AMARELA) 	 	<input type="checkbox"/>	 
INGLESA (BRANCA) 	 	—	—
SALSA 	 	—	—

* POUCOS  MUITOS   ** PEQUENA GRANDE

*** TROCA  COMPRA FAMÍLIA 

**Lista de cultivos e variedades, comunidade de Rio da Prata,
Treinamento em Agrobiodiversidade,
Santa Catarina, Brasil, 2006**

18. Mapa ilustrando a distribuição de cultivos e de variedades

Quando utilizar a ferramenta:

- Essa ferramenta ajuda você a conhecer a distribuição de espécies específicas de cultivos e suas variedades;
- Fornece informação relevante para análise da rede de sementes e variedades dentro das comunidades;
- A informação pode ser utilizada para analisar as necessidades de melhoramento de cultivos e/ou conservação de agrobiodiversidade.

Duração: 2 – 3 horas;

Materiais: Papel cartaz e marcadores de diferentes cores.

Metodologia:

Passo 1: Organizar uma reunião com um grupo pequeno de membros da comunidade, de famílias diversas, que conheçam bem a comunidade. Explicar o objetivo do exercício.

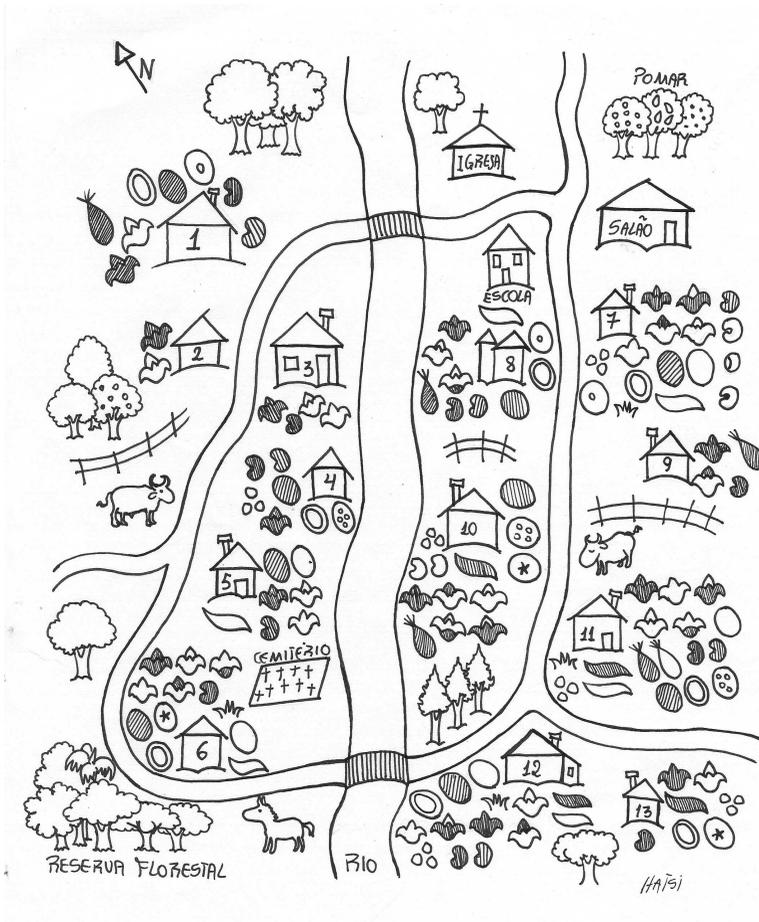
Passo 2: Estabelecer um mapa base com alguns pontos de referência (rodovias, rios etc.). Desenhar as casas da comunidade sobre o mapa.

Passo 3: Identificar os cultivos chave; isso pode ser feito com base na matriz de cultivos e/ou variedades. Chegar a um acordo de uma legenda de símbolos para diferentes cultivos e variedades. Cada família indica, com diferentes símbolos, as diversas variedades cultivadas perto de sua casa.

Passo 4: Para famílias que não estejam representadas, outros membros da comunidade podem indicar os cultivos e variedades utilizados por essas famílias. Essa informação deve ser confirmada através de visita na unidade de produção.

Passo 5: Discutir a distribuição de cultivos e variedades entre os membros da comunidade. Automaticamente, pode vir na seqüência uma discussão sobre troca de variedades.

Nota: Esse mapa é necessário para análise de rede de sementes e para análise quatro - células.



LEGENDA

	MIUCHO		BATATA-DOCE
	BATATA INGLESA		FEIJÃO

**Mapa de distribuição de cultivos e de variedades,
comunidade de Rio de Prata,
Treinamento em Agrobiodiversidade,
Santa Catarina, Brasil, 2006¹⁶**

19. “Tempestade de idéias” para caracterizar variedades

Quando utilizar a ferramenta:

- Essa ferramenta facilita a comunidade ou grupo na identificação de critérios e preferências de cultivos e variedades.
- A ferramenta é um bom começo antes de passar para a matriz de classificação; pode substituir a classificação simples dentro de uma seqüência de exercícios de ordenamento discutindo variedades em, por exemplo, uma organização experimental para seleção varietal participativa.
- A técnica do cartão também é útil para coletar, utilizar e agrupar informação sobre outros assuntos e idéias.

Duração: 1 – 2 horas, dependendo da complexidade e do número de participantes;

Materiais: Papel, cartões, e canetas.

Metodologia:

Veja o exemplo a seguir sobre critérios de seleção e variedades favoritas pelas preferências dos agricultores.

Passo 1: Identificar um grupo de agricultores. O grupo pode ser misto ou separado por gênero. Explicar os objetivos do exercício.

Passo 2: Individuais: escrever uma característica de variedade em um cartão.

Passo 3: Grupo: agrupar os cartões. O facilitador pode pedir aos participantes para entregarem todos os cartões de uma só vez, ou pedir a cada participante para entregar um cartão (o mais importante para a pessoa) em cada volta.

Passo 4: Grupo: Identificar os principais títulos para os agrupamentos.

Passo 5: Lista as variedades conhecidas localmente (utilizar nomes locais).

20. Classificação simples

Quando utilizar a ferramenta:

- Classificação simples é freqüentemente a primeira ferramenta utilizada na seqüência de um conjunto de ferramentas de classificação.
- É utilizada para permitir a identificação de critérios utilizados pelos agricultores para distinguir variedades.
- Permite entender as escolhas em um conjunto de variedades, com a identificação das características que as distinguem.
- Como outras ferramentas de classificação, é freqüentemente utilizada na seleção participativa de variedades e no melhoramento de plantas participativo.

Duração: 1 – 2 horas;

Materiais: Materiais locais (solo, sementes, símbolos locais) ou cartões, marcadores e papel.

Metodologia:

Passo 1: Identificar, preferencialmente, duas (ou mais) variedades bem distintas;

Passo 2: Identificar maneiras de comparar as variedades; pergunte ao grupo/participante, a cada vez, quais variedades eles/ele/ela prefere(m), e a razão da preferência; isso será critério importante para a seleção de variedade.

VARIEDADE 1	VARIEDADE 2	PREFERÊNCIA	RAZÃO
BURUGDA	7IE	7IE	ALTA PRODUTIVIDADE
BURUGDA	GUNAZA SIGEM	BURUGDA	BOA QUALIDADE COMO ALIMENTO ALTO PREÇO DE MERCADO
BURUGDA	DEMETEFA	DEMETEFA	ALTA PRODUTIVIDADE, ALTO PREÇO DE MERCADO, BOA QUALIDADE PARA SIWA (CEVESA LOCAL)
7IE	GUNAZA DEMHAI	GUNAZA DEMHAI	PRECOCE, RESISTÊNCIA A SECA, RESISTÊNCIA A DOENÇAS, BOA QUALIDADE PARA SIWA

Classificação simples de variedades de cevada em Tigrai, Treinamento sobre o Sistema Informal de Sementes, Etiópia, 2006

21. Matriz de classificação

Quanto utilizar a ferramenta:

- Matriz de classificação é uma ferramenta para comparar e caracterizar, de forma qualitativa e quantitativa, uma série de variedades;
- É utilizada para comparar variedades locais, ou para comparar variedades locais com variedades introduzidas ou testadas;
- Mostra como os agricultores avaliam as variedades;
- Como outras ferramentas de classificação, é frequentemente utilizada na seleção participativa de variedades e no melhoramento de plantas participativo;
- Matriz de classificação também é útil para comparar e avaliar outros recursos, assuntos e idéias.

Duração: 1 – 2 horas;

Materiais: Materiais locais (solo, sementes, símbolos locais ou cartões), marcadores e papel.

Metodologia:

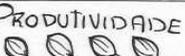
Passo 1: Fazer uma matriz com o critério na primeira coluna; o critério foi identificado através da “tempestade de idéias” ou através da classificação simples. Coloque as variedades na primeira linha (utilize cartões ou símbolos);

Passo 2: O critério pode ser classificado mediante a distribuição de um número fixado de sementes ou de outros materiais locais entre eles. Isso pode ser feito individualmente ou em grupo;

Passo 3: Deixar os participantes classificar as variedades para cada característica:

- Distribuindo um número fixado de sementes ou outros materiais locais para cada critério (por exemplo 20) entre as variedades; ou
- Se tiver cinco variedades, a melhor variedade, definido por critério, ganha cinco sementes, a segunda melhor quatro, etc.
- Isso pode ser feito em grupo ou individualmente

Passo 4: Uma classificação ponderada de variedades pode ser calculada como o produto do valor do critério e a pontuação de cada variedade específica. Dessa forma, todas as variedades podem ser comparadas com cada uma das outras.

	CACAU CRIOLO 	CACAU DA FLORESTA 	CACAU NACIONAL (EQUADOR) 	CACAU TRINITY 
AROMA 	5	1	5	4
SABOR 	5	3	5	4
% DE GORDURA 	1	3	1	1
RESISTÊNCIA 	1	5	2	3
QUANTIDADE DE GRAÇOS 	3	1	5	4
PRODUTIVIDADE 	1	4	2	5
VALOR DE MERCADO 	5	3	5	4

1=BAIXO/MAU 5= ALTO/BOM NABSI

**Matriz de classificação de tipos de cacau,
por um grupo de melhoristas sul-americanos de cacau,
Curso de Melhoramento Participativo do Cacau,
Bahia, Brasil, 2006**

22. Classificação par a par

Quanto utilizar a ferramenta:

- Classificação par a par é uma ferramenta para comparar variedades e conhecer como os agricultores as avaliam;
- Durante o trabalho é importante que os facilitadores anotem as razões para a escolha de uma variedade quando elas são comparadas;
- Como ferramenta de classificação, é freqüentemente utilizada na seleção participativa varietal, na tomada de decisões sobre com quais variedades continuar a seleção.

Duração: 1 – 2 horas;

Materiais: Materiais locais (solo, sementes, símbolos locais) ou cartões, marcadores e papel.

Metodologia:

Passo 1: Variedades podem ser classificadas par a par em uma tabela, colocando as variedades tanto horizontalmente, nas linhas, como verticalmente, nas colunas; veja o exemplo a seguir.

Passo 2: A cada vez que um participante ou o grupo têm que decidir qual variedade tem preferência sobre a outra. A discussão informal que leva à decisão deve ser bem registrada como informação qualitativa.

VARIETADE 	BUR. 	RIE 	GUN. SIG. 	DEM. 	TSAE. DEM. 	GUN. DEM. 	TSEL. DEM. 	TOTAL DE PONTOS
BURUGDA 								1
RIE 	RIE							3
GUNAZA SIGEM 	BUR.	RIE						0
DEMTEFA 	DEM.	RIE	DEM.					2
TSAEDA DEM HAI 	TSAE DEM.	TSAE DEM.	TSAE DEM.	TSAE DEM.				4
GUNAZA DEM HAI 	GUN. DEM.	GUN. DEM.	GUN. DEM.	GUN. DEM.	GUN. DEM.			5
TSELUM DEM HAI 	TSEL. DEM.	TSEL. DEM.	TSEL. DEM.	TSEL. DEM.	TSEL. DEM.	TSEL. DEM.		6

JARBI

Classificação par a par de variedades de cevada, feita por agricultores, em Tigrai, Curso sobre o Sistema Informal de Sementes, Etiópia, 2006

23. Análise de rede social de sementes

Quando utilizar a ferramenta:

- A ferramenta auxilia durante o diagnóstico para obter informação sobre redes sociais;
- Ela mostra fluxos de sementes, de variedades e de informação;
- É uma ferramenta poderosa para identificar agricultores nodais ou chave na comunidade envolvida com conservação, melhoramento de cultivos e/ou produção de sementes.

Duração: 3 – 4 horas (várias reuniões);

Materiais: Papel cartaz e canetas.

Metodologia:

Passo 1: Organizar uma reunião com pessoas representativas de diferentes partes da comunidades (grupo foco). Facilitar uma discussão de (sub) grupo a respeito das seguintes questões:

- De quem você usualmente obtém semente e o conhecimento associado?
- Durante a safra, de quem você obteve semente ou materiais de plantio?
- Para quem você usualmente fornece semente e informação?
- Durante a última safra, para quem você deu sementes e informação?
- Quem usualmente lhe pede semente e informação?

Passo 2: Identificação de agricultores nodais baseado no resultado do Passo 1. Eles são identificados pela comunidade e percebidos como mais experientes na comunidade em assuntos relacionados à diversidade de sementes, sua produção e seleção, à ecologia da produção de cultivares e seus usos. Agricultores nodais freqüentemente são ligados em pesquisa e dispostos a compartilhar conhecimento e materiais com outros agricultores.

Passo 3: Os agricultores indicados são respondedores de uma segunda etapa. A eles são feitas as mesmas perguntas como no Passo 1. Os resultados demonstram as conexões sociais entre indivíduos dentro e fora da comunidade.

Passo 4: Desenhar mapas de rede com base na informação obtida. As relações são linhas entre famílias e instituições. Flechas apontando em ambas direções indicam trocas mútuas de materiais e conhecimento.

24. Identificando as opções de desenvolvimento do setor de sementes¹⁸

Quando utilizar a ferramenta:

- A ferramenta auxilia na identificação dos cultivos para os quais a produção de semente pode ser possível através do desenvolvimento de uma pequena empresa de sementes;
- Ela conecta as percepções dos agricultores sobre variedades e sementes com opções de produção de sementes que gerem renda.

Duração: 1 – 2 horas, dependendo do número de cultivos analisados;

Materiais: Papel e canetas.

Metodologia:

Passo 1: Organizar uma reunião com um grupo de agricultores. Explicar os objetivos do exercício. Escolher os cultivos a serem discutidos;

Passo 2: Facilitar um grupo de discussão, para cada cultivo escolhido, em torno das questões na matriz abaixo;

Passo 3: Repetir o exercício com diferentes grupos de agricultores, de diferentes comunidades da região.

Nota: Esse exercício dá uma impressão rápida sobre as opções possíveis para o desenvolvimento de uma empresa de sementes de pequena escala; a etapa seguinte se dá através de planejamento comercial.

Pergunta	Coluna 1	Coluna 2	Coluna 3
Os agricultores compram semente?	Os agricultores raramente compram semente	Os agricultores de vez em quando compram semente	Os agricultores freqüentemente compram semente
Por que os agricultores compram semente?	Principalmente para ter novas variedades	Principalmente para substituir semente perdida durante uma safra ruim	Incapazes de guardar ou utilizar as próprias sementes, têm semente insuficiente
O que os agricultores acham da qualidade das suas próprias sementes?	Os agricultores estão muito satisfeitos	Os agricultores estão um pouco satisfeitos	Os agricultores não estão satisfeitos
O que os agricultores acham da qualidade das sementes que compram em lojas e mercados ou obtêm de outros agricultores?	Os agricultores estão muito satisfeitos	Os agricultores estão um pouco satisfeitos	Os agricultores não estão satisfeitos
O cultivo sofre com doenças encontradas nas sementes?	O cultivo raramente ou nunca sofre com doenças das 'sementes'	O cultivo algumas vezes sofre com doenças das 'sementes'	O cultivo freqüentemente sofre com doenças da 'sementes'
O cultivo é plantado para venda?	O cultivo é principalmente ou somente plantado para alimento	O cultivo é plantado tanto para alimento como para venda	O cultivo é plantado principalmente ou somente para venda
Número total de tiques por coluna	Se mais de 3: Não fazer	Se igual a 3: Considerar	Se menos de 3: Fazer

25. Análise participativa quatro - células¹⁹

Quanto utilizar a ferramenta:

- A ferramenta auxilia na identificação de variedades ou espécies únicas, comuns ou raras cultivadas na comunidade;
- Ela documenta as razões por que espécies ou variedades cultivadas estão em um estágio dinâmico dentro da comunidade;
- Facilita mais a identificação das invenções para a conservação de uma espécie ou variedade de cultivo dentro de uma comunidade específica.

Duração: 2 horas;

Materiais: Análise de quatro - células pode ser feita no chão com amostras reais das variedades/cultivos, ou sobre uma grande folha de papel com cartões.

Metodologia:

Passo 1: Convidar os agricultores e pedir a eles para trazerem amostras de cada variedade que eles estão plantando;

Passo 2: Fazer uma grande cruz no chão e diferenciar as quatro categorias ou quadrados:

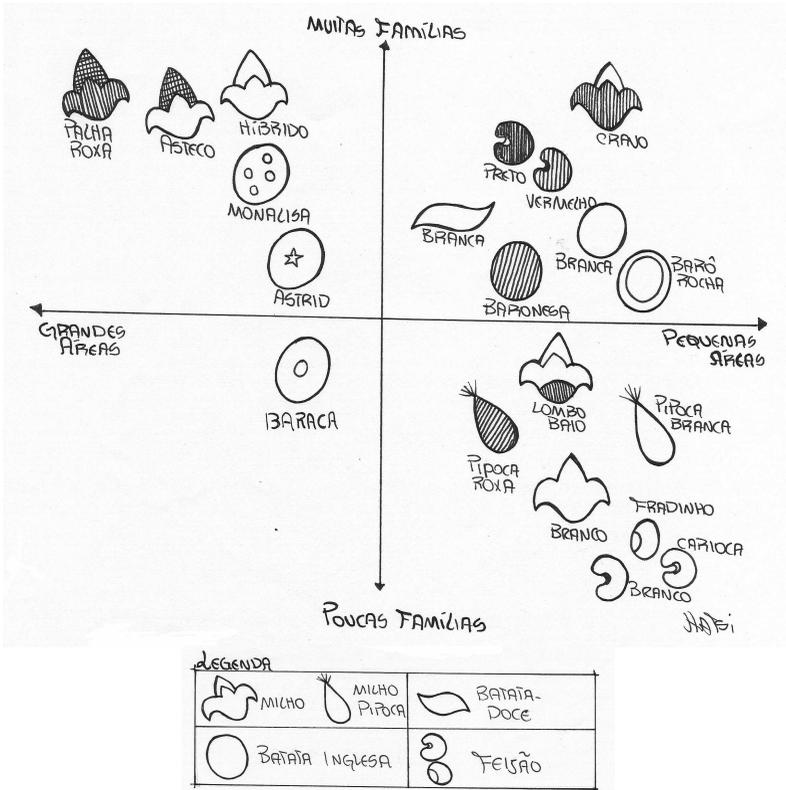
Área Grande Muitas famílias	Área pequena Muitas famílias
Área Grande Poucas famílias	Área pequena Poucas famílias

Passo 3: O significado dos quatro quadrados é visualizado desenhando números diferentes de casas e grandes ou pequenas áreas;

Passo 4: As seguintes perguntas são feitas aos participantes para obter informação sobre espécies de variedades/cultivos (nome, características específicas, origem)

- Quais variedades/cultivos são cultivados em áreas grandes, por muitas famílias?
- Quais variedades/cultivos são cultivados em áreas grandes, por poucas famílias?
- Quais variedades/cultivos são cultivados em pequenas áreas, por muitas famílias?
- Quais variedades/cultivos são cultivados em pequenas áreas, por poucas famílias?

Passo 5: O grupo que participa discute o resultado, com atenção especial nas variedades cultivadas em pequenas áreas e mantidas por poucas famílias; essas são as variedades ameaçadas. O grupo discute ações para aumentar o cultivo delas.



**Análise quatro - células de variedades de três cultivos,
na comunidade de Rio de Prata,
Treinamento em Agrobiodiversidade,
Santa Catarina, Brasil, 2006** ²⁰

26. Análise de árvore problema e árvore objetivo

Quando utilizar a ferramenta:

- A ferramenta auxilia a identificar um problema central e seus efeitos e causas na origem dele;
- Auxilia a chegar a um acordo em objetivos centrais e atividades necessárias para lidar com o problema;
- Com a ferramenta você pode iniciar o processo de produzir ou revisar uma matriz lógica organizada, de uma forma participativa e compreensível;
- A árvore de problema e a árvore de objetivo são ferramentas centrais no Planejamento Participativo Estratégico de Projetos.

Duração: Diversos encontros de diversas horas, dependendo da complexidade do problema;

Materiais: Folhas grandes de papel, marcadores, cartões.

Metodologia:

Passo 1: Iniciar com uma “tempestade de idéias” sobre todos os maiores problemas existentes dentro da estrutura da situação. Com o grupo, decidir qual é o problema com o qual começar. Isso não significa descartar os outros, mas simplesmente selecionar um como problema central. Isso geralmente é formulado em termos bem gerais, por exemplo, ‘desmatamento’ ou ‘falta de sementes’.

Passo 2: Desenhar uma árvore e escrever o problema inicial sobre o tronco. Se você quiser ver mais do que um problema, então você deve desenhar uma árvore para cada problema. Cada árvore requer um tempo considerável.

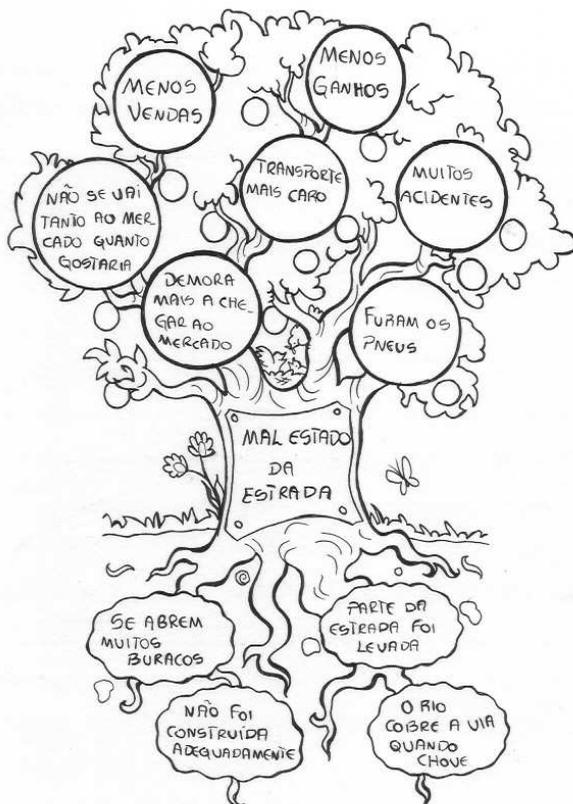
Passo 3: Incentive as pessoas a pensar e expor idéias sobre as causas do problema inicial. Pergunte pelos principais problemas que causam o problema inicial. Alternativamente, para evitar que algumas pessoas dominem, entregue três a cinco cartões em branco a cada pessoa e peça a cada uma que escreva uma idéia por cartão. Exponha os cartões e os utilize como base para a discussão sobre priorizar os problemas.

Passo 4: Para focalizar sobre as causas fundamentais do problema, discutir os fatores que possivelmente estejam contribuindo com ele. Examine cada fator em relação a cada um dos outros fatores e pergunte, ‘Ele é causado por ou é uma causa do outro fator?’. Se for causado pelo outro fator, desenhar uma linha com uma flecha voltada para dentro unindo o par. Se for a causa do outro fator, desenhar uma linha com uma flecha voltada para fora unindo o par. Desenhar a flecha somente na direção do fator mais forte. Não

utilizar flechas nos dois sentidos. Se não há interrelação, não desenhar uma linha entre eles de forma alguma. Quando tiver terminado, os fatores com mais flechas voltadas para fora serão, geralmente, os fatores que irão acarretar mudanças – as causas fundamentais.

- Passo 5: Focar a atenção nessas causas fundamentais e escrevê-las sobre as raízes da ‘árvore’.
- Passo 6: Para cada causa fundamental, escrever suas causas nas raízes mais baixas. Utilize as idéias expostas na “tempestade” para isso.
- Passo 7: Seguindo o mesmo procedimento dos Passos 2 e 3, olhar quais são os efeitos/impactos do problema e escrever os efeitos primários nos ramos da árvore.
- Passo 8: Para cada efeito, escrever seus efeitos secundários nos ramos secundários mais elevados para obter cadeias causa-efeito.
- Passo 9: Tomando a árvore problema como base, inverter todos os problemas de forma a torná-los em objetivos. Esse processo, então, leva para dentro de uma ‘árvore objetivo’ com o objetivo central sendo simplesmente o inverso do problema central.
- Passo 10: Pedir aos participantes para olharem para esses objetivos e discutirem quais desses podem ser atacados pelo projeto.

Notas: As duas ‘árvores’ fornecem uma visão completa, embora simplificada, da relação causa e efeito. Dessa forma, o processo de criar uma matriz lógica pode se tornar mais acessível aos atores sociais primários (e outros), ficando mais fácil envolvê-los na revisão do desenho do projeto ou no desenvolvimento de suas próprias atividades.



**Arvore de problemas na comunidade María Trinidad Sánchez,
Republica Dominicana²¹**

27. Análise FOFA

Quando utilizar a ferramenta:

Para identificar Fortalezas, Oportunidades, Fraquezas e Ameças da situação.

Duração: 1 – 2 horas;

Materiais: Folha grande de papel e marcador.

Metodologia

Passo 1: Convidar um grupo de pessoas que tenha interesse na situação a ser discutida.

Passo 2: Fazer uma matriz sobre uma folha de papel e distinguir 5 categorias relacionadas à situação:

	Positivo (+)	Negativo (-)
Interno: (dentro de seu campo de controle)	Fortalezas: - - - -	Fraquezas: - - - -
Externo: (como resultado de situações fora de seu controle)	Oportunidades: - - - -	Ameças: - - - -
	Outros assuntos relevantes: - - -	

Passo 3: Perguntar aos participantes a respeito das Fortalezas da situação: alguma coisa que está indo bem e que eles acham que é positiva; do que eles tem satisfação (por exemplo, organização dos trabalhadores, infra-estrutura da comunidade, fertilidade da terra, etc.). Coloque isso na categoria das Fortalezas.

Passo 4: Perguntar aos participantes a respeito das Oportunidades da situação: o que são desenvolvimentos positivos que estão acontecendo, os quais poderiam ser benéficos para melhorar a situação e poderiam auxiliar em atingir os metas (por exemplo, desenvolvimentos de mercado local, de cooperação, etc.).

Passo 5: Pergunte aos participantes sobre as Fraquezas da situação: o que não está funcionando bem, o que precisa melhorar ou precisa ser desenvolvido.

- Passo 6: Pergunte aos participantes a respeito das Ameaças para a situação dada: o que são desenvolvimentos negativos que estão acontecendo, os quais poderiam prejudicar/ameaçar a situação e tornar difícil alcançar as metas.
- Passo 7: Identificar outros assuntos relevantes, ou seja, outros desenvolvimentos ou assuntos que são relevantes mas que nem sempre fica claro se eles têm influência negativa ou positiva (ou tem um efeito positivo ou negativo).
- Passo 8: O grupo participante discute o resultado, com especial atenção sobre as opções de ações ou atividades que auxiliarão a superar as fraquezas e tornar possível utilizar e se beneficiar das oportunidades.

<p>FORTALEZAS 😊</p> <ul style="list-style-type: none"> ✳ OS AGRICULTORES DISPOSTOS A TRABALHAR COM BABOSA ✳ GERMOPLASMA BÁSICO DISPONÍVEL ✳ ORGANIZAÇÃO DE PESQUISA BEM ESTABELECIDO ✳ DISPONIBILIDADE DE FINANCIAMENTO PARA ATIVIDADES DE PESQUISA ✳ INFRAESTRUTURA RAZOAVELMENTE BEM DESENVOLVIDA 	<p>FRAQUEZAS 😞</p> <ul style="list-style-type: none"> ✳ FALTA DE PACOTES DE PRODUÇÃO ✳ FALTA DE MERCADOS ESTRUTURADOS E DE CANAIS DE COMERCIALIZAÇÃO ✳ FALTA DE POLÍTICAS GOVERNAMENTAIS SOBRE A PRODUÇÃO E COMÉRCIO ✳ FALTA DE INFORMAÇÃO DE MERCADO
<p>OPORTUNIDADES 😊</p> <ul style="list-style-type: none"> ✳ MERCADOS LOCAIS E DE EXPORTAÇÃO DISPONÍVEIS ✳ TERRA DISPONÍVEL PARA PRODUÇÃO COMERCIAL ✳ PROCESSAMENTO DE BABOSA EM PRODUTOS COMERCIAIS 	<p>AMEAÇAS 😞</p> <ul style="list-style-type: none"> ✳ COMPETIÇÃO DE OUTROS PAÍSES PRODUTORES E EXPORTADORES, COMO ÁFRICA DO SUL E ÁSIA ✳ POLÍTICAS GOVERNAMENTAIS DESFAVORÁVEIS ✳ PADRÕES E REGULAMENTAÇÕES INTERNACIONAIS/EXIGÊNCIAS DE MERCADO ✳ INTRODUÇÃO DE CULTIVOS COMERCIAIS MAIS LUCRATIVOS
<p>OUTROS DESENVOLVIMENTO DE COMPOSTOS SINTÉTICOS</p>	

Análise FOFA do integração e comercialização de Babosa em sistemas de produção, Região Central e do Vale do Rift, Quênia, Treinamento Regional em Agrobiodiversidade, Etiópia, 2005

28. Priorizando estratégias de enfrentamento

Quando utilizar a ferramenta:

- Essa ferramenta facilita o grupo de participantes a desenvolver uma estratégia para melhorar uma situação;
- A ferramenta faz uso máximo das fortalezas e oportunidades da situação, com riscos mínimos relacionados com problemas que ocorram.

Duração: 1 – 2 horas;

Materiais: Folha grande de papel e marcador.

Metodologia:

Passo 1: Olhar para a visão do projeto;

Passo 2: Olhar a análise dos atores sociais do projeto;

Passo 3: Examinar cuidadosamente as Fortalezas, as Oportunidades, as Fraquezas e as Ameaças identificadas na análise FOFA;

Passo 4: Formular um máximo de 7 estratégias de enfrentamento as quais auxiliarão a superar as fraquezas do problema, tornando possível utilizar e se beneficiar das oportunidades. Estratégias de enfrentamento são opções de ação ou atividades. Pensar em termos de estratégias ao invés de em termos de soluções.

Passo 5: Selecionar um estratégia de enfrentamento eficaz através da classificação. A classificação de estratégias de enfrentamento poderia, por exemplo, ser baseada em:

- Podemos utilizar o mais possível as Fortalezas;
- Reduzir os riscos o máximo possível, considerando as Ameaças;
- Contribuição esperada / estimada para o objetivo ou Visão;
- Outro critério? (por exemplo, benefício social, benefício da agrobiodiversidade, etc.);
- Distribuir os pontos dentro das colunas. A estratégia de enfrentamento que utiliza o mais possível as Fortalezas ganha o número de pontos mais alto.

Nota: A estratégia de enfrentamento com o número de pontos mais alto provavelmente é a estratégia mais eficaz e mais adequada. Contudo, é útil considerar também a nº 2 e a nº 3 e discutir essas com os atores sociais relevantes (ou com as pessoas contato/recurso). Decidir em qual estratégia de enfrentamento se concentrar.

Estratégia de enfrentamento	Máxima utilização das fortalezas	Mínimo risco em relação às ameaças	Contribuição eficaz aos objetivos	Outro critério?	Total de pontos
Total (exemplo)	10	10	15	?	

ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO	UTILIZAÇÃO MÁXIMA DE MÍNIMAS FORTALEZAS (20 PONTOS)	MÍNIMO RISCO EM RELAÇÃO ÀS AMEAÇAS (10 PONTOS)	CONTRIBUIÇÃO EFETIVA PARA OS OBJETIVOS (30 PONTOS)	SUSTENTABILIDADE (10 PONTOS)	POLÍTICA SOBRE TERREIRA E MERCADO (5 PONTOS)	TOTAL DE PONTOS	CLASSIFICAÇÃO
COLETA DE DADOS BÁSICOS	2	1	1	0	0	4	6
COLETA DE GERMOPLASMA/MULTIPLICAÇÃO/CARACTERIZAÇÃO E CONSERVAÇÃO	5	3	6	2	0	16	2
DESENVOLVIMENTO DE MATERIAIS PEDAGÓGICOS	3	3	2	0	0	8	5
AVLIAÇÃO PARTICIPATIVA DO GERMOPLASMA	6	0	7	2	2	47	1
DESENVOLVIMENTO E PROMOÇÃO DO PRODUTO	1	1	4	2	1	9	4
IDENTIFICAÇÃO DE MERCADOS/CONECTANDO AGRICULTORES AOS MERCADOS	1	0	5	2	1	9	4
Política	2	2	5	2	1	12	5
TOTAL DE PONTOS	20	10	30	10	5	75	

**Selecionando uma estratégia de enfrentamento:
produção, conservação de germoplasma e comercialização
de babosa, Central e Rift Valley, Quênia
Treinamento Regional em Agrobiodiversidade, Etiópia, 2005**

29. Análise social CLIP²²

Quando utilizar a ferramenta:

- Essa ferramenta facilita no desenvolvimento de um projeto ou intervenção na identificação de parceiros críticos para tornar o projeto um sucesso;
- Dado que a ferramenta é um tanto complexa e apóia uma análise dos atores sociais, deve ser praticada com um grupo central de membros da comunidade ou pela equipe de facilitação durante a análise dos resultados do diagnóstico participativo;
- A avaliação dos atores sociais deve ser conduzida por um grupo que esteja bem informado.

Duração: 2 – 3 horas;

Materiais: Folhas grandes de papel e marcadores, e os resultados do diagrama de Venn, análise dos atores sociais e outras ferramentas sociais e institucionais.

Metodologia:

Passo 1: Explicar aos participantes o objetivo do exercício. Definir o contexto bem específico do exercício (por exemplo, o cultivo e comercialização de plantas medicinais por um grupo de mulheres).

Passo 2: Identificar quem são os atores sociais no tópico. Tenha certeza de envolver atores sociais locais e de outros níveis.

Passo 3: Explicar as seguintes definições:

- Poder (P): É a habilidade de usar os recursos controlados por este ator para atingir seus objetivos. Esses recursos incluem:
 - o Riqueza econômica;
 - o Autoridade política;
 - o Habilidade para utilizar força ou ameaças de força (+/-);
 - o Acesso à informação (conhecimento & habilidades);
 - o Meios de comunicação;
- Interesses (I): São os ganhos (+) e perdas (-) que você experimentará com base nos resultados de ações existentes ou propostas. Esses interesses (ganhos/perdas) afetam seu acesso ao poder, legitimidade, ou relações (colaboração) social. Por exemplo, uma indústria farmacêutica trabalhando com extratos de plantas pode preferir um tipo de materiais primários coletados somente poucas

vezes no ano. Para a indústria, é melhor ter plantas colhidas numa só época. Interessa aos agricultores plantas que possam ser colhidas ao longo do ano.

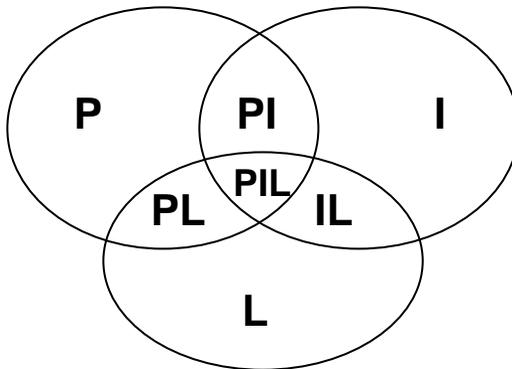
- **Legitimidade (L):** É o grau no qual outras partes reconhecem os direitos e responsabilidade dos atores sociais por lei ou por costume (exercido com determinação e conhecimento).
- As definições são complexas, entretanto, exercitando fará os participantes comodamente trabalharem com elas.

Passo 4: Complete a tabela abaixo elaborando o perfil dos atores sociais. Entretanto, é mais fácil caracterizar para cada definição os atores sociais, e, então, caracterizar os atores sociais com todas as características. Utilize a seguinte forma para caracterização qualitativa:

- Poder (P): (+) alto; (+) médio; (-) baixo/nenhum
- Interesse (I): (++) ganhos altos; (+) ganhos médios; (0) baixo/nenhum; (-) perdas médias; (--) perdas altas
- Legitimidade (L): (+) alta; (+) média; (-) baixa/nenhuma

Atores Sociais	Poder			Interesse					Legitimidade			
	+	+	-	++	+	0	-	--	+	+	-	
AS 1												
AS 2												
AS 3												
AS X												

Passo 5: Desenhar o mapa social de acordo com o gráfico abaixo.

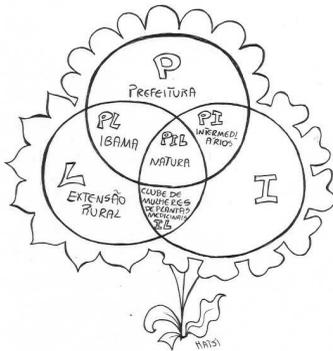


Passo 6: Definir o perfil dos atores sociais utilizando a seguinte tabela:

Categorias	Classificações Alta/média	Classificações baixa/nehuma
Dominante	P+, I++/+, L+	
Poderoso	P+, I++/+	L-
Influente	P+, L+	I-/--
Inativo	P+	I-/--,L-
Respeitado	L+	P-,I--/-
Vulnerável	I++/+,L+	P-
Marginalizado	I++/+	P-,L-

Passo 7: Interpretar a análise social CLIP e mapear os atores sociais; desenhar algumas conclusões sobre os atores sociais a serem identificados para integrarem o projeto. Observar que os atores sociais PIL devem ser os atores sociais chave. Para melhorar a intervenção você deve focar que aqueles atores sociais identificados como marginalizados e vulneráveis sejam movidos mais para o centro da figura.

ATOR	PODER	INTERESSE	LEGITIMIDADE
	+ ± =	⊕ ⊙ ⊖ ⊚	+ ± =
PREFEITURA			
EXTENSÃO RURAL			
CLUBE DE MULHERES DE PLANTAS MEDICINAIS INTERMEDIÁRIOS			
IBAMA			
NATURA-INDÚSTRIA COSMÉTICA			



CATEGORIAS	TIPOLOGIA
DOMINANTE	NATURA
PODEROSO	INTERMEDIÁRIOS
INFLUENTE	PREFEITURA
INATIVO	IBAMA
RESPEITADO	EXTENSÃO RURAL
VULNERÁVEL	CLUBE DE MULHERES DE PLANTAS MEDICINAIS
MARGINALIZADO	

Análise CLIP realizada durante o planejamento de um projeto para estimular a coleta e cultivo de plantas medicinais, pelos clubes de mulheres, São Bento do Sul, Treinamento em Agrobiodiversidade, Santa Catarina, 2006

30. Construção conjunta de uma visão

Quando utilizar a ferramenta:

- Essa ferramenta facilita a formulação de uma visão compartilhada do resultado que o grupo gostaria de um projeto ou de um exercício de avaliação;
- Essa ferramenta auxilia as pessoas a pensar criativamente e deixar de lado os problemas imediatos;
- Quando se trabalha com distintos grupos de atores, também é uma forma de encontrar uma base comum entre interesses conflitantes.

Duração: 1 a 2 horas, dependendo do número de participantes;

Materiais: Folha grande de papel e/ou cartões e marcadores.

Metodologia:

- Pedir às pessoas para descreverem como gostariam que as coisas fossem no futuro, em relação a um tópico específico e bem definido. Isso pode ser escrito individualmente, em cartões, ou desenhado conjuntamente no papel. Também é possível, por exemplo, pedir às pessoas para imaginarem que estão fazendo uma apresentação em algum momento do futuro (por exemplo, daqui há 5 ou 10 anos) descrevendo por que seu projeto teve sucesso. Isso pode ser feito a partir de um indivíduo até um grupo maior e o tempo exigido varia conforme o número de participantes.
- Quando o grupo tem uma base heterogênea, ele pode ser dividido em grupos foco, tais como: mesma base, gênero, geração. Cada grupo elabora sua visão sobre o tópico acordado. A seguir, as visões são apresentadas e uma visão coletiva pode ser construída pelo grupo. Esta opção de diferentes atores para a construção conjunta de uma visão torna claro, perspectivas distintas existentes entre os atores ou grupos foco e fornece a base para discutir e negociar a opção futura.

AGRICULTORES	PESQUISADORES	EXTENSIONISTAS	EMPRESAS E ORGANIZAÇÕES
UM SISTEMA DE SELEÇÃO PARTICIPATIVA FUNCIONANDO	ÁRVORES SUPERIORES SELECIONADAS DE FORMA PARTICIPATIVA	ÁRVORES SUPERIORES SELECIONADAS	IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DE VARIEDADES E CLONES LOCAIS DE CACAU DE ALTA QUALIDADE
1 QUINTAL CLONAL FUNCIONANDO EM CADA COMUNIDADE	BANCO GENÉTICO ESTABELECIDO	UM SISTEMA DE PROPAGAÇÃO	IDENTIFICAÇÃO, SELEÇÃO E PROPAGAÇÃO DE ÁRVORES DE ELITE
INVESTIGAÇÃO, COLETA DE CLONES ANCESTRAIS	QUINTAIS CLONAIS COMUNITÁRIOS E VINCULADOS FUNCIONANDO	AGRICULTORES EXPERIMENTADORES FUNCIONANDO	ESTABELECEMENTO DE 24 EXPERIMENTOS DE MATERIAIS SELECIONADOS
INCLUSÃO DO FATOR ANCESTRAL NO PLANTIO DE CLONES	ÁREAS DE DEMONSTRAÇÃO COM ÁRVORES SUPERIORES NAS UNIDADES DE PRODUÇÃO DOS AGRICULTORES	ÁREAS EXPERIMENTAIS LOCAIS E REGIONAIS	ESTABELECEMENTO DE 20 QUINTAIS CLONAIS NA PROVÍNCIA
AUMENTO DA ÁREA PLANTADA ATÉ 5ha/FAMÍLIA	PESQUISADORES, EXTENSIONISTAS E AGRICULTORES TREINADOS EM SELEÇÃO PARTICIPATIVA.	ESCOLAS DE CAMPO PARA AGRICULTORES ESTABELECIDAS	PROPAGAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DE MATERIAIS SELECIONADOS AOS AGRICULTORES

JATSI

Visão de 10 anos para melhoramento participativa de cacau, Treinamento em Melhoramento Participativa de Cacau, Sierra Nevada de Santa Marta, Colômbia 2007

Bibliografia

- 1 Geilfus, F. 1997. 80 Herramientas para el desarrollo participativo: diagnóstico, planificación, monitoreo, evaluación. São Salvador, IICA. 208 p.
- 2 Chambers, R. 2006. Notes for participants in PRA-PLA familiarisation workshops in 2006. Brighton, IDS. 24 p.
- 3 Cohen J.M. e N. Uphoff. 1977. Rural development participation: concepts and measures for project design, implementation and evaluation. Ithaca, Nova Iorque, Universidade de Cornell, Comitê de Desenvolvimento Rural.
- 4 Clayton, A., P. Oakley e B. Pratt, 1997. Empowering people: a guidebook to participation. New York, UNDP.
- 5 Pimbert, M.P. e J.N. Pretty, 1997. Parks, people and professionals: putting “participation” into protected area management. Em: Ghimire, K.B. e M.P. Pimbert (Eds.). *Social change and conservation. Environmental politics and impacts of national parks and protected areas*. London, Earthscan Publications: pp. 298-330.
- 6 Pretty, J., 1994. Alternative systems of inquiry for sustainable agriculture. *IDS Bulletin* 25 (2): 37-48.
- 7 Mais informações a respeito de PMASs podem ser encontradas no portal de recursos sobre o assunto da Wageningen International em: <http://portals.wi.wur.nl/msp>
- 8 Pretty, J.N. 1994. Alternative systems of inquiry for sustainable agriculture. *IDS Bulletin* 25 (2): 37-48.
- 9 Robert Chambers é pesquisador do Institute of Development Studies, em Brighton, Reino Unido. É um guru na área de Aprendizagem e Ação Participativas.
Essas dicas derivam de seu livro Chambers, R., 2003. *Participatory workshops. A sourcebook of 21 sets of ideas and activities*, London, Earthscan Publications.
- 10 David A. Kolb é um teórico educacional americano cujos interesses e publicações enfocam aprendizagem experiencial, a mudança individual e social, o desenvolvimento de carreira, e educação executiva e profissional.
- 11 Kolb, D.A. e R. Fry, 1975. Toward an applied theory of experiential learning. Em: Cooper, C. (ed.). *Theories of group process*. Londres. John Wiley.
- 12 Hemmati, M. 2002. Multistakeholder processes for governance and sustainability. Beyond deadlock and conflict. Londres. Earthscan.
- 13 Edney, J.J., 1979. The nuts game: a concise common dilemma analogue. *Environmental Psychology and Nonverbal Behaviour* (1978-79): 252-254
- 14 Santos, K.L. dos., A. Arce Indacochea, A.P. Baumann, J. W. Heidemann, J. Silvatti, L. Assing, M. Schmidt, M. Fontoura da Rosa, S.M. Lunardi, S.W. Heidemann, V. Assing e V.L. Heidemann, 2006. Estratégias participativas de manejo da agrobiodiversidade na comunidade do Campo de Rio Bravo, Município Santa Rosa de Lima. Estimulando o resgate cultural e o desenvolvimento sustentável através da agrobiodiversidade. Em: Kist, V. e K.L. dos Santos (eds.). *Estratégias participativas de manejo da agrobiodiversidade. Relatórios municipais*. Florianópolis-SC, NEABio: pp. 83-96.

-
- 14 Goulart S. e G. Gugel, 2006. Estratégias participativas de manejo da agrobiodiversidade no município de Palmitos. A participação da escola como ferramenta de diagnóstico para a conservação da agrobiodiversidade. Em: Kist, V. e K.L. dos Santos (eds.). *Estratégias participativas de manejo da agrobiodiversidade. Relatórios municipais*. Florianópolis-SC, NEABio: pp. 31-40.
- 15 Bressan, G., D. Kuhnen, S. Jr. Ascári e A. Arce Indacochea. 2006. Estratégias participativas de manejo da agrobiodiversidade no município de Grão-Pará. Motivação da conservação da agrobiodiversidade a partir do uso de ferramentas de diagnósticos rápido participativo. Em: Kist, V. e K.L. dos Santos (eds.). *Estratégias participativas de manejo da agrobiodiversidade. Relatórios municipais*. Florianópolis-SC, NEABio: pp. 69-82.
- 16 Thomé da Cruz, F., A.M. Batista, F. Monteiro, F. Rieg, J. da Silva, T. Heinzen e L. Schmidt, 2007. Análise participativa de quatro-células praticada no programa de agrobiodiversidade na comunidade de Rio da Prata, Anitápolis, Santa Catarina (2005-2006). Em: De Boef, W.S., M.H. Thijssen, J. Bernardi Ogliari e B. Sthapit. *Biodiversidade e agricultores. Fortalecendo manejo comunitário*. Porto Alegre-RS, I&PM, pp. 166-167.
- 17 Sthapit, B., D. Paudel, R. Rana, B.M. Baniya, P. Shrestha e A. Subedi, 2006. Social seed network for ensuring maintenance of local crop diversity. Em: Sthapit, B., P. Shrestha and M. Upadhyay (eds.). *On farm management of agricultural biodiversity in Nepal. Good practices*. Kathmandu, NARC, LI-BIRD, IPGRI and IDRC.
- 18 David, S. e B. Oliver, 2002. Business skills for small scale seed producers: Handbook 3. *Network on Bean Research in Africa. Occasional Publications Series, No. 37*. Kampala, CIAT.
- 19 Subedi, A., P. Chaudhary, B.K. Baniya, R.B. Rana, R.K. Tiwari, D.K. Rijal, B.R. Sthapit e D.I. Jarvis, 2003. Who maintains crop genetic diversity and how? implications for on-farm conservation and utilization. *Culture & Agriculture* 25 (2), 41-50.
- 20 Thomé da Cruz, F., A.M. Batista, F. Monteiro, F. Rieg, J. da Silva, T. Heinzen and L. Schmidt, 2007. Análise participativa de quatro-células praticada no programa de agrobiodiversidade na comunidade de Rio da Prata, Anitápolis, Santa Catarina (2005-2006). [In] De Boef, W.S., M.H. Thijssen, J. Bernardi Ogliari and B. Sthapit. *Biodiversidade e agricultores. Fortalecendo manejo comunitário*. Porto Alegre-RS, I&PM, pp. 166-167.
- 21 Verdejo, M.O., 2003. Diagnóstico Rural Participativo. Una guía práctica. Santo Domingo, Centro Cultural Poveda: pp 72.
- 22 Chevalier, J.M., 'SAS2 1.0: Social Analysis CLIP,' in Social Analysis Systems 2 1.0, <http://www-sas-pm.com/>